

VERA LÚCIA MACEDO DE OLIVEIRA TEIXEIRA

**MÚSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: ENTRE
O PRECONIZADO PELOS PARÂMETROS
CURRICULARES NACIONAIS E A PRÁTICA
ESCOLAR**

Universidade Católica de Goiás
Mestrado em Educação
Goiânia – 2003

VERA LÚCIA MACEDO DE OLIVEIRA TEIXEIRA

**MÚSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: ENTRE
O PRECONIZADO PELOS PARÂMETROS
CURRICULARES NACIONAIS E A PRÁTICA
ESCOLAR**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado em Educação da Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª Annete Scotti Rabelo.

Universidade Católica de Goiás
Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Mestrado em Educação
Goiânia - 2003

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª Annete Scotti Rabelo

Prof^ª. Dr^ª Marília Gouvea de Miranda

Prof^ª. Dr^ª Monique Andries Nogueira

DEDICATÓRIA

A Deus, que concedeu-me saúde e sabedoria para chegar até aqui.

A Walter, Larissa, Lívia e Luiz Felipe, que sempre dividiram comigo as angústias e alegrias e que, acreditando em minha capacidade de vencer, me esperavam sempre chegar de viagem.

Às tias, Delourdes e Ana Olinda, que jamais deixaram de acreditar em meu potencial.

Ao amigo-irmão, Marco Antônio, que durante 2 anos sempre me esperava chegar a Goiânia nas frias madrugadas e me acolhia semanalmente em sua casa.

À Prof^a Annete, pelas incansáveis orientações e ensinamentos.

À minha 2^a prof^a Tecla, que despertou-me para os caminhos da música.

À Prof^a Dirce, que possibilitou-me a aquisição das passagens utilizadas nas viagens semanais para Goiânia.

À Jucelma, que não mediu esforços para "dar vida" às apresentações dos slides utilizados na defesa desta dissertação.

Ao Corpo Docente do Mestrado em Educação da Universidade Católica de Goiás, com quem aprendi muito.

Aos amigos de verdade que sempre me incentivaram.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I	
1- Uma reflexão acerca da Formação de Professores.....	16
CAPÍTULO II	
2 – A arte na educação.....	27
2.1 – Uma Introdução à História do ensino da música no Brasil.....	30
2.2 – Educação e Arte Musical	32
2.3 – A Música e a Cultura Popular	36
CAPÍTULO III	
3 – Apresentação dos dados das Entrevistas.....	43
3.1 – Caracterização das Professoras	43
3.2 – Prática Docente nas aulas de Arte	48
CONCLUSÃO.....	53
BIBLIOGRAFIA.....	57
ANEXO I	61
ANEXO II.....	62
ANEXO III	83

RESUMO

Este trabalho, dividido em três capítulos, tem por objetivo apreender as concepções dos professores do 1º ciclo sobre a música na sala de aula, bem como identificar a sua presença ou não no cotidiano das aulas de arte. O objeto de nosso estudo é a arte musical na educação e fundamenta-se no estudo das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Arte. Numa pesquisa qualitativa, utilizamos como instrumentos básicos para a coleta de dados, a observação e a entrevista semi-estruturada. No decorrer do trabalho, a música é apresentada como uma linguagem expressiva e receptiva no cotidiano das pessoas e fruto da cultura popular. São tratadas, também, questões referentes ao ensino e à aprendizagem, bem como à formação de professores, considerando sempre a escola como um espaço para a construção e reconstrução de saberes. O trabalho enfatiza a arte, como elemento que contribui para a formação global do indivíduo e apresenta uma breve introdução ao ensino da música no Brasil. A pesquisa desenvolveu-se nas quatorze escolas do ensino fundamental da rede pública estadual localizadas na cidade de Barra do Garças-MT, tendo como sujeitos quatorze professoras das respectivas unidades de ensino, as quais atuam no 1º ciclo. Os dados da referida pesquisa são apresentados no terceiro capítulo. Embora tenha havido um consenso entre os sujeitos investigados de que a música constitui-se de um elemento primordial e eficaz no desenvolvimento global do educando, sua utilização na escola ainda está muito distante da proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Palavras-chave: Formação de professores – Arte musical – Parâmetros Curriculares Nacionais – Prática docente – Cultura Popular.

INTRODUÇÃO

A escola, como instituição social, tem como função propiciar ao educando condições favoráveis para a apreensão dos conhecimentos, o desenvolvimento de sua criticidade e a possibilidade de inserir-se no contexto sócio-econômico, político e cultural do meio onde vive. Nessa perspectiva, a instituição de ensino deve representar o espaço onde o saber experienciado possa ser compartilhado por toda a comunidade escolar. É, portanto, papel da escola criar um ambiente favorável para a ação dos educandos, pois trata-se de um local privilegiado para a educação.

Para Vygotsky, a aprendizagem sempre inclui relações com outras pessoas: *a linguagem, o próprio meio através do qual a reflexão e a elaboração de experiências ocorre, é um processo extremamente pessoal e, ao mesmo tempo, um processo profundamente social* (VYGOTSKY, 1998, p.169).

Educar supõe uma constante construção e reconstrução de saberes, uma vez que cabe ao professor, como mediador, ensinar o aluno a aprender a aprender, de forma que este possa tornar-se o autor do seu próprio conhecimento. Como bem define DEWEY:

A educação é um processo de reconstrução e reorganização da experiência, pela qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras (1967, p. 17).

Para tanto, é importante que todos os envolvidos no ato educativo estejam atentos e sensíveis para perceber que os alunos são participantes ativos desse processo, têm trajetórias e identidades diferenciadas e provêm de diferentes classes sociais, e, nesse caso, também são desiguais. Muitos têm de aprender a conviver, desde muito cedo, com a privação do “não ter”, em função da desigualdade social que se torna evidente a cada dia. Nesse contexto, a escola deverá compreender que a criança possui sonhos, bem como o desejo de “ter”, como por exemplo: um nome, uma história, um espaço próprio num espaço coletivo, ou seja, ter o desejo de construir sua singularidade a partir da interação com os outros.

Assim, com todas as suas contradições e limites, a escola ocupa um espaço bastante privilegiado na vida dos indivíduos e influencia de forma expressiva na construção da identidade desses indivíduos.

No papel do professor, não cabe a omissão diante da responsabilidade de nortear o aprendizado de seus alunos. O mestre desempenha a sua função, ao planejar, antecipadamente, as atividades do grupo, ao organizar um ambiente que favoreça experiências satisfatórias à construção social do conhecimento e que desenvolva as potencialidades dos educandos, conhecendo e respeitando a bagagem vivencial deles. Tal planejamento deve ser flexível a ponto de permitir a expansão das variadas capacidades individuais, caso contrário, estará muito próximo do procedimento tradicional.

A prática escolar difere das outras práticas educativas, pois constitui uma ação sistematizada. Assim sendo, ao tomar para si a tarefa de contribuir para a formação de indivíduos críticos e competentes, a escola, além de eleger conteúdos compatíveis com o contexto em que está inserida deve também propor um currículo:

(...) que parta das desigualdades e da diversidade e que garanta espaço para as diferentes vozes dos diferentes grupos que constituem a nação brasileira (GENTILI e SILVA, 1996, p. 139).

Toda proposta de ensino deve possibilitar aos educandos o acesso aos saberes elaborados socialmente. Cabe, portanto, enfatizar a importância do currículo como um conjunto de atividades, experiências e conhecimentos que possibilitem alcançar os fins da educação. Desse modo, enfatizamos a música como conteúdo proposto para o ensino de Arte. A experiência com arte, como forma de comunicação, propicia aos educandos desenvolver a recepção da mensagem recebida, os seus valores individuais e sociais, a sua percepção, a visão estética do belo, o exercício contínuo da descoberta, aguçando-lhes a curiosidade, abrindo, assim, espaço para fluir o pensamento.

DUARTE JR (1994, p.63), assinala que *a arte constitui-se num estímulo permanente para que a imaginação flutue e crie mundos possíveis, novas possibilidades de ser e sentir*. Pela arte, a imaginação é convidada a atuar, porque a expressão artística, em qualquer uma de suas áreas, seja ela Artes Visuais, Dança, Música ou Teatro, constitui-se de uma possibilidade de diálogo constante entre o artista e o objeto de arte, envolvendo a expressão, a significação de quem cria e a recepção do interlocutor, o qual vivencia essa criação.

Existe uma chamada tradição de que, nas séries iniciais, a prioridade seja a alfabetização e a matemática, deixando os conteúdos de arte em segundo plano. É importante estabelecer continuamente a interface do saber científico com o artístico e suas

formas pedagógicas. Ao conhecer e produzir arte, o educando percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre a sua relação com o mundo. Além disso, desenvolve potencialidades como: percepção, imaginação, observação e sensibilidade, as quais contribuem para a apreensão dos conteúdos das disciplinas do currículo.

Nessa perspectiva, a disciplina de arte tem funções importantes, dentre as quais, imprimir o fazer artístico como uma necessidade do homem. Para tanto, os conteúdos de arte não podem ser banalizados, e sim, convidar o educando à prática de observar, tocar, ouvir, refletir.

Em muitas escolas ainda se utiliza, por exemplo, o desenho mimeografado com formas estereotipadas para as crianças colorirem, ou se apresentam “musiquinhas” indicando ações para a rotina escolar (hora do lanche, *hora da saída*) (BRASIL.MEC/SEF,1997,p.31).

No documento citado anteriormente, encontramos ainda a afirmação de que apenas uma minoria trabalha com auto-expressão, por meio da livre construção e expressão artística e desenvolvimento da criatividade.

(...) ou ainda os professores estão ávidos por ensinar história da arte e levar os alunos a museus, teatro e apresentações musicais ou de dança. Há outras tantas possibilidades em que o professor polivalente inventa maneiras originais de trabalhar, munido apenas de sua própria iniciativa e pesquisa autodidata (BRASIL.MEC/ SEF, 1999, p. 30).

Como professora do Ensino Fundamental, nas séries iniciais, durante quatorze anos, e professora da disciplina de Metodologia da Língua Portuguesa e Ciências no Curso de Pedagogia da UNIVAR- Faculdades Unidas do Vale do Araguaia, tivemos a oportunidade de vivenciar situações didáticas que nos propiciaram constatar a importância do ensino de arte, particularmente a música, no processo de ensino e aprendizagem, considerando a capacidade de desenvolver no educando suas múltiplas potencialidades.

Buscar novas estratégias e procedimentos metodológicos que possam viabilizar a otimização da prática da música, em sala de aula, sempre foi uma constante durante o nosso percurso como educadora, e, de modo especial, como pedagoga. Isso posto, surge a questão: sendo a música um dos conteúdos importantes propostos pelos

Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN, em nossa realidade, estará ela presente no cotidiano das escolas do 1º Ciclo? Como?

Na Escola Ciclada do Estado de Mato Grosso as turmas são organizadas levando-se em conta principalmente, a idade. O objetivo *é facilitar a convivência entre os alunos, pois sendo da mesma faixa etária, eles têm interesses, curiosidades e desejos parecidos, o que ajuda a aproximá-los* (MATO GROSSO. SEE,2001,p.18).

QUADRO DEMONSTRATIVO DA ORGANIZAÇÃO DOS CICLOS NAS ESCOLAS CICLADAS DE MATO GROSSO

CICLOS	FASES	EM SUBSTITUIÇÃO ÀS SÉRIES	AGRUPAMENTO POR IDADE
I Ciclo	1ª fase	Alfabet. Inicial	6 a 7 anos
	2ª fase	1ª Série	7 a 8 anos
	3ª fase	2ª Série	8 a 9 anos
II Ciclo	1ª fase	3ª Série	09 a 10 anos
	2ª fase	4ª Série	10 a 11 anos
	3ª fase	5ª Série	11 a 12 anos
III Ciclo	1ª fase	6ª Série	12 a 13 anos
	2ª fase	7ª Série	13 a 14 anos
	3ª fase	8ª Série	14 a 15 anos

O objetivo deste trabalho foi identificar as concepções dos professores do Ensino Fundamental – 1º Ciclo, sobre a música na sala de aula, bem como investigar a sua presença ou não, no cotidiano do espaço escolar, comparando os resultados com as indicações dos PCN.

Entendemos que o cotidiano das aulas de arte deve estar comprometido com os interesses e necessidades dos educandos. Assim, este trabalho procurou observar, no cotidiano das salas de aula do 1º ciclo, os limites e possibilidades da atuação docente em seu fazer concreto: como os sujeitos investigados encaminham a música como um conteúdo e como um elemento enriquecedor nas aulas de arte.

Nesse sentido, voltada às particularidades dos procedimentos metodológicos dos professores em sala de aula, entendida como um micro espaço, a nossa investigação buscou identificar traços de uma prática didático-pedagógica que, no seu fazer, revelasse a

dimensão da possibilidade do fazer musical nas séries iniciais. A observação foi feita em 6 (seis) aulas de arte de cada um das 14 (quatorze) professoras, perfazendo um total de 84 (oitenta e quatro) observações, abrangendo um período de três meses: fevereiro, março e abril de 2003. Ao elegermos como objeto de nosso estudo a arte musical na escola, optamos, como procedimento metodológico, pela pesquisa qualitativa.

Inicialmente, buscamos apoio na literatura específica da área que, embora restrita, possibilitou-nos compreender com mais clareza a música como área de conhecimento bem como identificá-la como linguagem presente em todas as culturas, portanto, necessária como proposta de ensino nas salas de aulas do 1º ciclo. Para a realização deste estudo, consultamos livros de diversos pesquisadores, não apenas da área da educação musical, mas também, pesquisadores que tratam da educação num sentido mais amplo, considerando a sua significação para o estudo em questão, dentro da realidade educacional do país.

Ainda na pesquisa bibliográfica foi providencial a leitura específica sobre a cultura popular, bem como a cultura do Estado de Mato Grosso, o que deu base às nossas considerações sobre o quanto a linguagem musical tem o seu valor para um determinado povo, uma determinada cultura.

Percebemos a preocupação dos idealizadores dos PCN com as questões pedagógicas pertinentes à necessidade de minimizar os problemas ainda existentes na educação, daí um dos objetivos dos PCN pontuar a relevância de desenvolver, no educador e no educando,

o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança, na busca de conhecimento e no exercício da cidadania (BRASIL.MEC/SEF, 2001,p. 54).

A exigência do estabelecimento de conteúdos mínimos para o ensino fundamental é um dos preceitos da presente Constituição. Esta é precisamente uma das justificativas do documento introdutório dos Parâmetros Curriculares Nacionais. No entanto, são vários os enfoques em torno da proposta dos PCN, tendo em vista a metodologia utilizada para a sua elaboração, ou seja, considerando a importância e a relevância desse documento, ele deveria (no mínimo) ter sido submetido a uma ampla participação e discussão de todos os grupos envolvidos na educação nacional.

Nosso trabalho, elaborado com base nas propostas dos PCN para o ensino de arte no 1º ciclo, não pretende discutir especificamente estas questões, tendo em vista que os PCN e os Referenciais para o Ensino Infantil foram os dois únicos documentos que encontramos, os quais apresentam aos professores do 1º ciclo uma proposta de ensino, especialmente sobre a música, que constitui o foco de nosso estudo.

A pesquisa foi desenvolvida nas quatorze escolas do Ensino Fundamental da Rede Pública Estadual, localizadas na cidade de Barra do Garças-MT, as quais oferecem o ensino do 1º Ciclo. A investigação teve como sujeitos 14 (quatorze) professoras das respectivas unidades de ensino, as quais atuam no referido ciclo, ou seja, uma professora em cada escola. São escolas situadas em bairros centrais e periféricos da cidade, cuja maior parte da clientela atendida é de baixa renda. As instituições oferecem o 1º ciclo, tanto no período matutino, como no período vespertino. Optamos por essas escolas, pois necessitávamos de unidades de ensino, onde a música fosse incluída no planejamento anual como conteúdo específico da disciplina de arte.

O acesso a essas professoras se deu a partir do encaminhamento de um ofício à Assessora Pedagógica das Escolas Estaduais de Barra do Garças-MT, a qual nos informou sobre as escolas e os respectivos professores que atuam no referido ciclo. De posse desses dados, fomos encaminhados às unidades de ensino, onde a Direção e Coordenação nos autorizaram realizar a pesquisa.

Utilizamos, como instrumentos básicos para coleta de dados, a observação e a entrevista semi-estruturada. As observações permitiram os registros das práticas, das ações, das falas dos sujeitos investigados, enquanto as entrevistas propiciaram captar o sentido, a interpretação e as concepções que esses sujeitos dão à sua prática.

Para a caracterização dos dados iniciais foi utilizado um questionário escrito, composto de questões objetivas e abertas (ANEXO I). Durante todo o período do trabalho prevaleceu o respeito aos sujeitos entrevistados e observados, cuja história de vida está intimamente relacionada à docência nas séries iniciais. Desse modo, respeitando o anonimato destes sujeitos, bem como das escolas onde eles atuam e, tendo em vista a preservação de sua identidade, as integrantes da amostra foram assim identificadas: A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, L, M, N, O.

O questionário foi aplicado visando coletar o primeiro nível de elaboração dos discursos das professoras sobre a presença da música nas salas de aula do

1º ciclo. Vale ressaltar aqui o fato de que os questionamentos foram padronizados, e isso permitiu que todos os sujeitos da pesquisa se pronunciassem sobre os principais aspectos investigados. Numa segunda etapa, verificamos, por meio da observação, qual a real ação pedagógica daquelas professoras no ensino da música. Buscando respostas às questões formuladas, o presente trabalho foi dividido em capítulos, os quais foram organizados na intenção de apresentar o referencial teórico e a pesquisa realizada.

O primeiro capítulo trata das questões referentes ao ensino e à aprendizagem, evidenciando a escola como um espaço para a construção de saberes. Aborda, ainda, a formação do professor, as condições de suas próprias funções, dentre elas, a de mediar e facilitar o processo de aprendizagem do educando, por meio de métodos e técnicas adequados.

O segundo capítulo destina-se a refletir sobre a arte, sua importância na formação cognitiva do educando, como elemento facilitador da integração entre indivíduos de culturas distintas, bem como o desenvolvimento da percepção estética. Ainda nesse capítulo, enfatizamos também a música como arte e linguagem expressiva e receptiva, considerando que o conhecimento é construído a partir da interação da criança com o ambiente social; e, ainda, que o ritmo, a melodia e a harmonia também são elementos primordiais do mundo que a cerca, tendo em vista que a linguagem musical e as mensagens contidas nas letras a ela acopladas permitem uma exploração de possibilidades expressivas e criativas da criança, como, também, mediatiza o processo de aprendizagem dos conteúdos específicos. Considerando, portanto, a música, como linguagem universal, enfatizamos nesse capítulo a sua presença no cotidiano das pessoas, como fruto da cultura popular.

O terceiro capítulo destina-se à apresentação, tratamento e análise dos dados coletados no decorrer de nossa pesquisa, dados estes levantados junto às professoras que atuam no 1º ciclo do Ensino Fundamental na rede Estadual de Ensino.

As considerações finais do trabalho vêm na seqüência, quando são explicitadas as observações apreendidas no decorrer da atividade de pesquisa realizada e a reflexão acerca dos resultados obtidos, considerando o referencial do *corpus* desta dissertação.

Esperamos com esse trabalho ter contribuído para a constatação da prática pedagógica que norteia o interior da sala de aula no que tange à presença da música nas

aulas de arte, bem como identificar as concepções dos professores relativas à música no ensino. Acreditamos que os resultados da pesquisa possam clarificar a importância da arte musical na educação no 1º ciclo.

CAPÍTULO I

UMA REFLEXÃO ACERCA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Nas últimas décadas, temos experimentado um expressivo avanço científico e tecnológico, o qual tem exigido da educação e, especialmente dos educadores, novas posturas e constantes reflexões acerca da realidade do ensino. Falar em educação supõe referir-se a uma série de questões, como, por exemplo, as aspirações sociais, a formação docente, a qualidade de ensino, o currículo, questões estas que serão abordadas neste capítulo.

Enfatizamos, inicialmente, as diferenças sociais existentes no país, as quais têm contribuído com o aumento de entraves para que a população tenha acesso aos saberes escolares. Se, por um lado, as instituições educacionais particulares cumprem um importante papel, ao preencherem a lacuna deixada pelo governo, que não oportuniza número suficiente de educandários frente à demanda social, por outro lado, tais instituições particulares são excludentes, pois somente dão acesso àqueles que têm um recurso mínimo exigido por elas.

Cabe evidenciar, portanto, que a idéia de propor uma educação de qualidade para todos somente será possível a partir de uma mobilização política ampla de toda a sociedade, bem como da articulação das propostas dos sistemas de ensino às peculiaridades culturais e realidades locais. Para Freire,

(...) a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento (1996, p. 110).

Assim, para que o indivíduo possa intervir e participar ativamente na vida social, o mundo contemporâneo lhe impõe exigências de toda ordem. Cabe, portanto, à educação propiciar a esse indivíduo as condições básicas essenciais para que ele possa vivenciar as diferentes formas de inserção na sociedade, sendo, assim, capaz de propor discussões e atitudes práticas, tornando-se um cidadão crítico. Não basta somente capacitar o estudante para futuras habilitações ou especializações, é necessário prepará-lo para a aquisição de novas competências, em função de novos saberes, tornando-o capaz de responder às exigências e inovações desse mundo contemporâneo rumo à construção de instrumentos necessários ao “aprender a aprender”, dentro de uma perspectiva crítica.

Acrescente-se àquelas exigências o crescimento da população, o desenvolvimento das ciências, os ideais de vida, bem como os conhecimentos, os quais,

também, aumentam as mudanças comportamentais na sociedade. Nesse contexto, a educação é convocada a atender novas necessidades e por esta razão os seus objetivos precisam ser repensados, uma vez que:

um ensino de qualidade, que busca formar cidadãos capazes de interferir criticamente na realidade para transformá-la, deve também contemplar o desenvolvimento de capacidades que possibilitem adaptações às complexas condições e alternativas de trabalho (BRASIL. MEC/SEF, 2001, p.47).

Se o direito à educação for estendido igualmente a todos os cidadãos, haverá maior possibilidade para o seu desenvolvimento, pois à medida que cada um atua com responsabilidade, diminui o percentual da população marginalizada e o desperdício de aptidões e inteligências. Por isso, a educação necessita ser (re)pensada dentro e fora da estrutura rígida da escolaridade, primando sempre pela preparação do indivíduo em todas as etapas de sua vida, bem como em qualquer condição que lhe for imposta.

Educar requer um projeto guiado por uma racionalidade, por argumentos que o homem torne plausível perante os que devem realizá-lo e apoiá-lo, assim como uma vontade pactuada que o impulsione. A educação tem que ser transparente e expressar a consciência e os desejos de uma sociedade, o que não é fácil nas condições atuais (SACRISTÁN, 1999, p. 86).

Diante dos problemas contemporâneos pontuados, o homem deve ser ativo e assumi-los a partir de ações conscientes, quer dizer, com uma mentalidade que lhe possibilite perceber e compreender suas relações sociais, e, as possibilidades de transformá-las. No entanto, para que isso ocorra, cabe à educação formar esse indivíduo para o desempenho seguro de suas atividades. Nesse sentido,

É necessário ter em conta uma dinâmica de ensino que favoreça não só o descobrimento das potencialidades do trabalho individual, mas também, e sobretudo, do trabalho coletivo. Isso implica o estímulo à autonomia do sujeito, desenvolvendo o sentimento de segurança em relação às suas próprias capacidades (BRASIL. MEC/SEF, 2001, p.35).

Dessa forma, cabe ainda à escola orientar o educando para a conscientização da importância do seu papel na sociedade. A educação deve, nessa perspectiva, buscar a formação de indivíduos para atuarem numa sociedade dinâmica, em constantes transformações, ou seja, uma educação permanente que vise à formação integral desses indivíduos.

Partimos do pressuposto de que sem aprendizagem o ensino não se realiza. Nesse sentido, *o conhecimento é resultado de um complexo e intrincado processo de modificação, reorganização e construção, utilizado pelos alunos para assimilar e interpretar os conteúdos escolares* (BRASIL. MEC/SEF, 2001, p. 51).

Diante dos diferenciados processos de comunicação que têm se desenvolvido de forma expressiva na sociedade contemporânea, bem como do aumento das lutas ideológicas, o homem se vê na necessidade de desenvolver um espírito crítico, o qual lhe permita assumir atitudes compatíveis com sua própria resolução, isto é, que não sejam contra seus próprios princípios. Com isso, à educação cabe, pois, outra grande responsabilidade: contribuir para o desenvolvimento crítico do indivíduo.

Não basta refletir sobre educação, sem evidenciar a importância de propostas educacionais adequadas, responsáveis e comprometidas com o educando. Tais propostas devem, portanto, estar em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico, o que requer da escola representar um espaço de formação e informação, a fim de que a aprendizagem dos conteúdos possa ser significativa, além de propiciar ao aluno a sua inserção em um universo cultural maior, uma vez que

O que importa não é o ensino das disciplinas como se fossem pacotes bem acabados e amarrados, mas cada período letivo, cada estágio do currículo entendido e encarado como unidade operacional básica em que uma turma de alunos e uma equipe de professores atuem numa unidade de experiências próprias e de recorrências conceituais e temáticas a que concorram a diversas disciplinas, ou melhor, as regionalidades do saber, não com base em si mesmas, mas sim nas exigências daquele estágio e daquela determinada situação de aprendizagem (VEIGA, 1995, p. 153).

Considerando o currículo como um importante elemento constitutivo da organização escolar, que implica a interação dos sujeitos com um mesmo objetivo, surge então a necessidade de se promover na escola uma discussão sobre o processo de produção

do conhecimento, uma vez que o currículo não é um elemento neutro, ele expressa uma cultura e, portanto, não pode ser separado do contexto social, uma vez que o educando adquire conhecimentos e habilidades e desenvolve suas convicções morais, sociais, políticas no cotidiano escolar.

GIROUX (1997), propõe refletir e examinar as forças ideológicas e materiais cuja tendência é reduzir os professores ao status de técnicos especializados dentro da burocracia escolar. Para ele, isso consiste apenas em administrar e implementar programas curriculares, mais do que o ideal, que seria desenvolver ou apropriar-se criticamente de currículos que satisfaçam objetivos pedagógicos específicos. Ele defende ainda as escolas como instituições essenciais para a manutenção e desenvolvimento de uma democracia crítica, para a defesa dos professores como intelectuais transformadores.

De acordo com os PCN,

a maioria das escolas tende a ser apenas um local de trabalho individualizado e não uma organização com objetivos próprios, elaborados e manifestados pela ação coordenada de seus diversos profissionais (BRASIL. MEC/SEF, 2001, p. 48).

Dessa forma, tem sido um desafio trabalhar em educação e, sobretudo, profissionalizar-se, tendo em vista as condições precárias de ensino, sem contar a desigualdade na distribuição de oportunidades. Considerando que o controle das relações existentes em sala de aula depende em grande parte da intervenção do professor, cabe enfatizar a necessidade de os professores suscitarem questionamentos nos educandos, estimular a argumentação, criar um clima em que o aluno possa discutir suas próprias vivências e experiências. Em função disso, a formação de professores assume relevância no campo de discussão entre os educadores, ocupando lugar de destaque, estando, de forma crescente, associada ao processo qualitativo de práticas pedagógicas.

A formação de professores destaca-se como um tema crucial e, sem dúvida, uma das mais importantes dentre as políticas públicas para a educação, pois os desafios colocados à escola exigem do trabalho educativo outro patamar profissional, muito superior ao hoje existente. Não se trata de responsabilizar pessoalmente os professores pela insuficiência das aprendizagens dos alunos, mas de considerar que muitas evidências vêm revelando que a formação de que dispõem não tem sido suficiente para garantir o desenvolvimento das capacidades imprescindíveis para que crianças e jovens não só conquistem sucesso escolar, mas, principalmente, capacidade pessoal que lhes permita plena

participação social num mundo cada vez mais exigente sob todos os aspectos (BRASIL. MEC/ SEF, 1999, p. 26).

É imprescindível repensar os programas de formação de professores e ter a clareza de que a sua formação inicial daquele constitui o primeiro estágio da formação continuada, a qual deve acompanhar o profissional da educação durante toda a sua carreira e auxiliá-lo na construção de sua identidade profissional. Nesse sentido, a formação continuada de educadores deve estar intimamente articulada com o projeto educativo da escola, de modo a contribuir para a melhoria da qualidade do ensino.

Verificamos um certo descompasso entre o que vem sendo revelado na prática dos profissionais da educação e o que vem sendo praticado nas formas de conceber o educador e sua profissão. Todo professor deve estar em condições de oferecer ao educando uma compreensão adequada de tudo que o cerca. Não basta ser estritamente especialista, é preciso atuar de maneira a permitir que o aluno desenvolva-se livremente, perceba a si, ao outro e ao mundo exterior de modo mais consciente, propiciando, dessa forma, o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo-emocional e psicossocial, através das artes, principalmente, a arte musical.

Logo, é fundamental que as escolas de formação desenvolvam projetos educativos coerentes com a realidade social, garantindo espaços curriculares que permitam a esses professores a construção e mediação dos conhecimentos e desenvolvimento de habilidades e competências. Faz-se necessário, pois, que os professores recebam uma formação adequada que lhes possibilite compreender as diversas dimensões que permeiam o espaço escolar: social, cultural, político, religioso, dentre outros.

Os cursos de formação necessitam de clareza acerca do campo específico de atuação do profissional na sociedade ampla e diversificada, para que ele seja capaz de compreender os embates sociais de sua contemporaneidade (BRZEZINSKI, 1996, p. 182).

A reflexão sobre os princípios que sustentam as práticas escolares deve ser o alicerce da formação do profissional da educação, também, os compromissos que esse professor deve assumir em decorrência de suas funções, além da abrangência da natureza de sua relação com os alunos.

Segundo Freire *o professor deve perceber cada vez melhor que, por não poder ser neutra, sua prática exige uma definição, uma tomada de posição, decisão, ruptura* (2000, p. 115).

No contexto da legislação educacional em vigor, mais particularmente do Plano Nacional de Educação, as diretrizes de formação de professores e de pedagogos são objeto de revisão e reformulação, face à emergência de novos paradigmas de conhecimento, socialização, trabalho e suas implicações educacionais.

As discussões acerca do Curso de Pedagogia têm sido constantes nas várias instituições de ensino superior e uma vez que todos os sujeitos investigados em nossa pesquisa são pedagogos, cabe, aqui, uma reflexão sobre a sua formação. Mesmo que a formação do professor deva constituir-se em conhecimentos amplos das várias ciências, compreendemos a impossibilidade de um curso como o de Licenciatura Plena em Pedagogia ser tão abrangente e abarcar com eficácia todas as áreas de conhecimento necessárias. Como afirma Libâneo,

as teorias da aprendizagem e do desenvolvimento humano, do currículo, do processo de conhecimento, da linguagem, a didática, implicam níveis de aprofundamento teórico que o currículo de uma licenciatura não comporta (1998, p.127).

Desse modo, observamos que o Curso de Pedagogia, somente, não é suficiente para formar o professor que atua no 1º ciclo, orientando especificamente a disciplina de arte. Libâneo, em seu artigo publicado na obra “Pedagogia, Ciência da Educação?”, organizada por Selma Garrido Pimenta, assim define a Pedagogia:

A Pedagogia constitui-se, pois, como campo de investigação específico cuja fonte é a própria prática educativa e os aportes teóricos providos pelas demais ciências da educação e cuja tarefa é a compreensão, global e intencionalmente dirigida, dos problemas educativos (1998, p.117).

Tal definição nos remete a compreender que a identidade do pedagogo está intimamente relacionada ao campo de investigação, no entanto, deparamos em nossa realidade e, especialmente em nossa pesquisa, com pedagogos despreparados para atuarem no ensino de arte, especificamente na educação musical.

O enfrentamento dos problemas e demandas da educação básica no país implica necessariamente mudanças nos processos de formação de profissionais da educação, segundo padrões de qualidade definidos em nível nacional. Entendemos que a atividade educativa não deve realizar-se em momentos estanques, segmentados em teorias e práticas, mas na articulação entre ambas as dimensões, num processo contínuo e integrado de interlocução e construção de saberes.

Nessa perspectiva, consideramos necessário enfatizar alguns aspectos do Curso de Pedagogia da UNIVAR- Faculdades Unidas do Vale do Araguaia, Instituição de Ensino Superior onde todos os sujeitos investigados concluíram a sua graduação. Assim, de acordo com o Projeto Pedagógico, o objetivo geral do Curso de Pedagogia *consiste na preparação de profissionais da educação, capacitados para exercer as diversas dimensões do trabalho pedagógico no âmbito de instituições escolares e não escolares, sendo a docência a base de sua formação e identidade profissional* (2003).

Esse mesmo documento apresenta o perfil do profissional que se pretende formar:

O egresso do Curso de Pedagogia, Licenciatura Plena , da UNIVAR é habilitado para desempenhar funções de docência nas áreas de formação pedagógica da educação básica, bem como funções de administração, coordenação pedagógica, assessoria, planejamento, desenvolvimento e gestão de projetos educacionais em instituições escolares e não-escolares” (2003, p.18).

O Curso em pauta abrange em seu currículo núcleos de formação em que os conteúdos das áreas de conhecimento se distribuem entre as dimensões: formação básica, formação diferenciada e prática integradora. (ANEXO III). De acordo com a nossa observação no tocante à proposta curricular da Instituição, houve uma reestruturação na Matriz Curricular vigente, ou seja, o Curso, atualmente, oferece uma disciplina intitulada Metodologia da Arte-educação e, como proposta para os estudos independentes, uma temática sobre a Musicalização nas Séries Iniciais. Desse modo, fica evidente a possibilidade de a música estar mais presente na formação dos professores formados no referido curso.

Dada a amplitude do trabalho do professor, cabe às instituições formadoras deste possibilitar-lhe o aprender a investigar, sistematizar e produzir conhecimento

pedagógico, a partir de procedimentos de observação, análise, formulação de hipótese e construção de propostas de intervenção. Tais procedimentos fortalecem a atuação pedagógica e um exercício profissional autônomo e consciente. Como afirma Libâneo,

(...) o professor precisa juntar a cultura geral, a especialização disciplinar e a busca de conhecimentos conexos com sua matéria, porque formar o cidadão hoje é, também, ajudá-lo a se capacitar para lidar praticamente com noções e problemas surgidos nas mais variadas situações, tanto do trabalho quanto sociais, culturais, éticas” (1999, p. 43).

No que se refere aos programas de formação continuada de professores, teóricos da educação enfatizam a necessidade de refletir sobre os princípios que estruturam a vida e a prática em sala de aula. Tal formação não deve incluir metodologias que neguem a própria construção do pensamento crítico.

Ainda é muito comum nas Secretarias de Educação promover a capacitação de professores através de cursos de treinamento ou de reciclagem, de grandes conferências para um grande número de pessoas. Nesses cursos são passadas propostas para serem executadas ou os conferencistas dizem o que os professores devem fazer. O professor não é instigado a ganhar autonomia profissional, a refletir sobre sua prática, a investigar e construir teorias sobre o seu trabalho (LIBÂNEO, 2001, p.66).

Observa-se, nesse ínterim, a existência de orientações técnicas, oficinas pedagógicas oferecidas pelas delegacias de ensino, projetos das universidades, programas de capacitação advindos de convênios firmados com as mais diversas entidades. Entretanto, a grande maioria dessas práticas é apresentada, primando pela reflexão da escola ideal. Assim, quando os professores retornam à escola real apresentam dificuldades ao lidar com as necessidades reais existentes nas escolas as quais estão inseridos.

Isso não significa invalidar as práticas existentes em prol da formação profissional docente, tendo em vista que estas contribuem com a ampliação do campo de conhecimento do professor. No entanto, é imprescindível a compatibilidade das propostas de formação docente com a realidade educacional de cada instituição de ensino, que necessita primar pela possibilidade de trocas de experiências bem sucedidas.

A formação de especialistas em educação tem esbarrado em uma série de dificuldades que vão desde a complexidade e amplitude da problemática

educacional até a imprecisão e inconsistência das habilitações que buscam traduzir diferentes modalidades de especializações profissionais no campo educacional (SAVIANI, 1980, p. 90).

Por mais que trabalhem situações-problema e temáticas sobre a prática docente, os cursos, por si só, não são suficientes para desenvolver as competências profissionais dos professores. Estes necessitam participar, continuamente, de atividades supervisionadas, grupos de estudos, entre outros, atividades estas que lhes possibilitem o exercício de diferentes competências e habilidades para o seu exercício profissional.

A boa formação deve permitir ao profissional recriar sua prática, a partir da apropriação de teorias, métodos, técnicas e recursos, o que supõe uma relação de autonomia no trabalho que permita intervenções significativas do professor. Cabe dizer que a atuação docente vai muito além do trabalho da sala de aula, pois abrange a contínua produção de conhecimento. A desqualificação profissional sofrida pelos professores tem sido expressiva nos últimos anos, sobretudo na deteriorização dos salários e nas precárias condições de trabalho.

A desprofissionalização afeta diretamente o status social da profissão em decorrência dos baixos salários, precária formação teórico-prática, falta de carreira docente, deficientes condições de trabalho (LIBÂNEO, 1998, p. 90).

Embora a formação profissional seja um dos fatores importantes para o sucesso do processo ensino-aprendizagem dos educandos, é imprescindível refletir sobre outros fatores que também exercem influências nesse processo de desenvolvimento escolar. Dentre eles, citamos a existência de um projeto educativo compatível com a realidade escolar, estabilidade profissional, ênfase na formação inicial dos professores, planejamento coletivo das atividades pedagógicas e administrativas da escola, espaço físico adequado às práticas educativas, disponibilidade de material didático, espaço físico adequado para leitura e pesquisa, dentre outros.

É sabido da enorme distância existente entre o professor exigido pela realidade e o perfil de professor atuante no contexto educacional. Assim, uma boa formação profissional aliada a um contexto institucional favorável e adequado, reflete a qualidade pretendida na educação. O professor deve ser visto como o profissional capaz de implementar práticas que possibilitem mudanças necessárias à educação e não ser

apontado como o causador de todos os fracassos existentes. Nesse sentido, torna-se inadiável um investimento sério em sua formação, sob todos os aspectos.

Sabe-se que são consideráveis as deficiências do professorado em relação ao aprender a pensar, de modo que eles próprios necessitam dominar estratégias de pensar sobre o próprio pensar. Tais questões levam as instituições formadoras a perguntas como: Como ajudar os professores a se apropriarem da produção de pesquisa sobre educação e ensino? O que significa qualidade de ensino numa sociedade em que caibam todos? Como potencializar a competência cognitiva e profissional dos professores? Como enriquecer as experiências de aprendizagem de modo que os futuros professores aprendam a pensar? (LIBÂNEO, 1999, p. 86).

Diante do exposto, ressaltamos que a ação do professor pode influenciar, significativamente, na construção da subjetividade dos educandos, o que torna necessário que ele compreenda o contexto sócio-econômico-político-cultural no qual seus alunos encontram-se inseridos. O professor deve ter clareza no que tange ao modo de ensinar, intervindo de maneira a propor situações de aprendizagem compatíveis com as capacidades cognitivas dos alunos. É nesse sentido que entendemos a possibilidade de “ensinar a pensar”, a partir de uma intervenção pedagógica que oportunize e estimule o aluno a procurar respostas no meio, agindo sobre esse meio e construindo o seu conhecimento.

Fica evidente que o trabalho do professor está intimamente ligado à concepção que ele próprio tem da realidade, uma vez que o processo educacional também está relacionado com a sociedade. Assim sendo, é imprescindível que o professor, ao planejar o seu trabalho pedagógico, faça uma reflexão sobre a realidade educacional em que está inserido e, dessa forma, abra espaço para atuar criticamente no sistema social, explicitando suas distorções, promovendo diálogos que contribuam para as transformações sociais, que se fizerem necessárias.

As experiências ocorridas nas Instituições de Ensino Superior vêm comprovando que os cursos que formam o profissional da educação carecem de qualidade teórica, ao contrário do que apontava o senso comum que tornou corrente a expressão: “os cursos são teóricos, faltam a parte prática”. Assim sendo, as reformulações curriculares devem considerar que, se por um lado, falta aos cursos a parte prática, por outro, a parte teórica requer maior qualidade (BRZEZINSKI, 1996, p. 202).

Há muito, educadores brasileiros estão envolvidos nesse debate, cabendo reconhecer que os problemas educacionais estão também relacionados à formação dos professores em todos os níveis. Os currículos devem primar pela preparação de profissionais que se responsabilizem pelo que ensinam, assumindo, assim, o seu papel na formação dos propósitos e condições de escolarização.

A atividade docente requer preparo que não se esgota nos cursos de formação, os quais devem propiciar aos professores um espaço para discussão e reflexão sobre os princípios educativos para que possa ajudá-los a estruturar um pensar analítico sobre educação, possibilitando-lhes um crescimento como pessoa, como profissional e como cidadão, o que, na verdade, deve refletir-se nos objetivos dessa formação.

O ensino terá mais qualidade a partir da implantação de reformas educacionais consistentes, que priorizem a formação de profissionais capazes de apropriarem-se criticamente de currículos compatíveis com os objetivos educacionais, a fim de melhor preparar os educandos para a vida, estimulando-os a pensar sobre o seu próprio pensar.

Aprendizes... dos sonhos, da alegria, do prazer de aprender a aprender..

CAPÍTULO II

A ARTE NA EDUCAÇÃO

A comunicação é a capacidade que o homem tem de emitir e receber mensagens, quer dizer, de se fazer entender. Para tanto, utiliza-se da linguagem, que consiste num sistema organizado de signos verbais e não-verbais dos quais ele se serve em situações comunicativas. A arte, de uma forma geral, apropria-se desses códigos verbais (palavra escrita e falada) e dos não-verbais (gráficos, cores, sons, dentre outros).

Justifica-se, assim, estudar a influência da arte na educação, tendo em vista que esta se apropria daquela, para estimular o desenvolvimento cognitivo, no decurso do processo de ensino aprendizagem.

Ao propor a arte na educação, como um tema relevante em nosso trabalho, consideramos necessário retratar, não somente a música em si, mas a exploração, a descoberta da arte, um tipo de linguagem que facilita a estimulação e aprimoramento de outras habilidades, além da lingüística. Dentre os objetivos gerais do Ensino Fundamental, constantes nos PCN, lê-se:

utilizar as diferentes linguagens – verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias (...) atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (BRASIL.MEC/SEF.2001,p.8).

A forma como podemos entender o mundo nos é ensinada por meio da linguagem. Nesse sentido, os significados são advindos fundamentalmente dos símbolos, das palavras, dos nomes, o que nos permite afirmar que estamos sempre tentando explicar as nossas experiências. Nos PCN, encontramos a seguinte reflexão acerca do assunto:

A linguagem verbal possibilita ao homem representar a realidade física e social e, desde o momento em que é aprendida, conserva um vínculo muito estreito com o pensamento. Possibilita não só a representação e a regulação do pensamento e da ação, próprios e alheios, mas, também, comunicar idéias, pensamentos e intenções de diversas naturezas e, desse modo, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais anteriormente inexistentes (2001, p. 24).

A educação em Arte, proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, busca propiciar o desenvolvimento do pensamento artístico, de modo a ampliar a percepção, a sensibilidade, a reflexão e a imaginação do educando. Assim, como destacado anteriormente, o referido documento aponta quatro linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. A dramatização, por exemplo, é uma manifestação espontânea da criança, e dramatizar é um ato inerente ao ser humano que lhe propicia o domínio e a expressividade do corpo. Assim como a música, a arte da dança também faz parte da cultura humana, pois toda ação do homem envolve a atividade corporal. Formas, cores, movimentos se fundem com a música nos filmes de Walt Disney, produzindo um espetáculo de indizível sensibilidade que envolve todo o público, principalmente o infantil.

A arte é também apresentada como área de conhecimento que requer espaço e constância. Aprender arte envolve, além do desenvolvimento das atividades artísticas e estéticas, apreciar arte e situar a produção social da arte de todas as épocas nas diversas culturas.

A arte se dá por meio de diversas formas: estáticas ou dinâmicas, as quais constituem maneiras de se exprimir os sentimentos: os desenhos, a pintura, a música, e outros. Criar supõe operar a imaginação, o que representa uma capacidade fundamental do ser humano. Isto posto, consideramos a arte como um elemento importante na educação da criança, pois, segundo Brittain e Lowenfeld,

A arte pode desempenhar papel significativo no desenvolvimento das crianças. O foco de aprendizagem é a criança dinâmica, em desenvolvimento, em transformação, a qual se torna cada vez mais cônica de si própria e do seu meio. A educação artística pode proporcionar a oportunidade de aumentar a capacidade de ação, de experiência, de redefinição e a estabilidade que é necessária numa sociedade de mudanças, de tensões e incertezas (1977, p. 33).

O processo artístico proporciona um meio de desenvolvimento social, de comunicação e desempenha um papel potencialmente vital na educação. A arte constitui-se em uma atividade dinâmica e unificadora, pois está presente em todas as culturas e não existem barreiras na sua comunicação. Cabe, portanto, enfatizar a sua importância no processo de formação global do educando. Desse modo a escola deve dar prioridade aos valores humanos, aos anseios e potencial do aluno, à valorização da arte. De acordo com os PCN,

Quando brinca, a criança desenvolve atividades rítmicas, melódicas, fantasia-se de adulto, produz desenhos, danças, inventa histórias. Mas esse lugar da atividade lúdica no início da infância é cada vez mais substituído, fora e dentro da escola, por situações que antes favorecem a reprodução mecânica de valores impostos pela cultura de massas em detrimento da experiência imaginativa (BRASIL. MEC/SEF, 2001, p. 49).

Estudos comprovam que não existe um único método de ensino que se possa considerar o melhor, no entanto, urge a necessidade de métodos eficazes e alternativos que possam contribuir com o processo de aprendizagem do educando.

Faz-se necessário a escolha de métodos e recursos adequados, pois *ensinar arte com arte é o caminho mais eficaz* (MEC. SEF, 2001, p.48). Isso reforça mais um papel do sistema educacional: valorizar o sentimento, o pensamento e a percepção do indivíduo, possibilitando que estes elementos sejam estimulados e igualmente desenvolvidos, a fim de que este mesmo indivíduo possa externar toda a sua capacidade criadora, identificando-se com suas próprias experiências, ajudando ao máximo desenvolver os conceitos que expressam as suas emoções, a sua sensibilidade. *É possível que a educação reflita, meramente, as mudanças em nossa sociedade, pois o homem parece estar cada vez confiando menos no contato sensorial, concreto, real, com seu meio* (BRITAIN e LOWENFELD,1990, p. 23).

Toda criança, independente de sua condição, deve ser considerada como um indivíduo, um ser singular, único, com particularidades, interesses e capacidades, que se forma, também, a partir das relações sociais experienciadas. Barbosa, assinala que

a arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que for analisada (2002, p.18).

A Arte não existe somente para o período escolar, é para a vida toda. Desse modo, inspirados na teoria do mestre Paulo Freire de que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, podemos enfatizar também a leitura artística e suas significações, uma vez que ser capaz de ler uma imagem, um som, um gesto exige habilidade, interesse,

motivação e conhecimento. Além disso, em nosso cotidiano estamos rodeados por imagens veiculadas por slogans, pela mídia.

Segundo os PCN *o universo da arte caracteriza um tipo particular de conhecimento que o ser humano produz a partir de perguntas fundamentais que desde sempre se fez em relação ao seu lugar no mundo* (BRASIL. MEC/SEF.p. 32, 2001).

Considerando, pois, a arte como parte constitutiva dos currículos escolares, acreditamos que esta, deve ser representada como um espaço de conhecimento, não como fim, mas como meio.

2.1- UMA INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DO ENSINO DA MÚSICA NO BRASIL

Há muito, a educação musical se encontra ausente das escolas brasileiras, e essa ausência nos currículos se explica por vários fatores, entre os quais merece destaque sua perda de identidade como disciplina. Esse processo tem seu ponto decisivo em 1971, com sua transformação num dos componentes da disciplina de Educação Artística.

A busca de superação da pedagogia tecnicista, que orientava a educação brasileira naquele período e a atual preocupação em formar indivíduos plásticos e criativos, capazes de enfrentar os desafios da era globalizada, criaram possibilidades para a sua re-inserção nos currículos da escola fundamental. Trata-se de um processo complexo, pois envolve desde o seu reconhecimento enquanto disciplina escolar, até medidas de caráter prático, visando garantir sua implementação nas unidades de ensino (LOUREIRO, 2001, p. 32).

Se buscarmos apreender historicamente o ensino da música no Brasil, no século XX encontraremos contribuições expressivas como o projeto do Canto Orfeônico de Villa Lobos que caracterizou-se pelo caráter nacionalista e disciplinar.

Nogueira dedica, em sua dissertação, um capítulo sobre a educação musical no Brasil, periodizando-a em quatro momentos principais:

No primeiro, esta educação se dá basicamente por iniciativa de músicos, religiosos ou não, aos quais interessam a formação de outros futuros músicos. Num segundo momento, afirma-se a importância das instituições (conservatórios) como o “lócus” único do ensino da música, ainda totalmente dissociado da escola regular. O terceiro momento será marcado pela campanha do canto orfeônico, assumindo um caráter totalmente distinto: este projeto se dará dentro da escola regular, a fim de

aproximar o grande público da música. O quarto e atual momento inicia-se com a promulgação da lei 5.692/71, onde a Educação Artística (nela incluída a educação musical) passa a ser obrigatória na escola (1994, p. 26).

A Lei 5692/71, que tornou obrigatório o ensino da educação artística nas escolas regulares, trouxe uma proposta dita integradora das artes como contribuição à formação geral do indivíduo. No entanto, essa integração não ocorreu e isso tem sido alvo de duras críticas por parte dos arte-educadores. Com o processo de redemocratização do país, iniciaram-se discussões e reformas que, na área educacional, foram contempladas na Lei de Diretrizes e Bases para a Educação nº 9.394 de dezembro de 1996.

Nesse período, *os cursos de educação artística com habilitação em música buscaram adaptar seus currículos à nova lei e a uma realidade bastante diversa daquela década de 1970* (FERREIRA, 2001, p. 92).

Desde a implantação da referida Lei, o ensino das Artes ainda depara com problemas da formação e preparação de professores para atuar nos diversos níveis da escolaridade básica. Os professores de Educação Artística que, por força da lei, tiveram uma formação polivalente e frágil, pouco puderam contribuir para consolidar o ensino da música nas escolas públicas.

No contexto atual, marcado pelo crescente avanço da tecnologia, várias manifestações culturais se propagam de modo bastante intenso, rápido e diversificado. Além disso, deparamo-nos, nas escolas, com alunos advindos de diversas camadas da sociedade, de diferentes meios culturais, onde a música erudita, de valor, é excluída e, conseqüentemente menos ouvida e aceita.

Segundo Loureiro,

Marcada por transformações culturais, sociais e políticas, o ensino da música refletiu a influência de diversas concepções pedagógicas – das concepções tradicional, progressista, e mais recentemente da concepção interacionista (2001,p. 49).

Entretanto, no decorrer de nossas observações, pudemos constatar o predomínio da abordagem tradicional nas práticas educativas relacionadas ao ensino da música. No que diz respeito à sua função social, a música sempre esteve presente na vida

do homem e seria muito difícil imaginar a humanidade, ou mesmo uma civilização sem música. Desde os maiores centros urbanos até o mais remoto ponto rural, passando por tribos indígenas perdidas, indo ao passado longínquo da Grécia Antiga até a recentíssima Internet, a música está presente.

A música é uma forma de expressão encontrada em todos os grupos humanos, é um produto natural do homem e vem sendo utilizada por ele das mais diversas formas. Ela já foi usada para lamentar a saudade da terra natal pelos escravos negros na América, para trabalhar pelos hebreus no Antigo Egito, para quebrar tabus na revolução cultural dos anos 60, para protestar durante a ditadura militar no Brasil, e em rituais religiosos através dos tempos.

A música atrai e envolve os alunos, serve de motivação, eleva a auto-estima, aumenta a sensibilidade, a criatividade, a capacidade de concentração e fixação de dados. Na sala de aula, a música é uma verdadeira aliada dos educadores.

Além de alfabetizar, a música também resgata a cultura e ajuda na construção do conhecimento. Não só um instrumento de alfabetização, a música é um excelente instrumento de cidadania, e projetos que envolvem música e integração social – especialmente com crianças e adolescentes carentes ou de rua - se espalham pelo país e são cada vez mais populares – e com resultado bem animadores!

Longe de ser mero entretenimento, a música mostra como soluções simples, criativas e divertidas podem dar excelentes resultados. Música clássica, popular, samba ou rock são não só fontes de prazer, mas também eficazes armas sociais.

2.2 – EDUCAÇÃO E ARTE MUSICAL

A música, como objeto estimulador da potencialidade do ser, é inquestionável. No que tange ao processo didático-pedagógico que sempre buscamos desenvolver no decorrer de nossa prática pedagógica, vale ressaltar que esta se fundamentou na articulação entre os alunos e a música, no sentido de propiciar-lhes uma fonte de enriquecimento pessoal e de prazer. Tal afirmação reforça a idéia de que a aprendizagem se dá a partir do prazer, da estimulação e da vivência.

Educar musicalmente é aguçar a capacidade de perceber a beleza e o significado da melodia, do ritmo; é articular a música com outras formas culturais de

expressão, possibilitando que a criança conheça a sua cultura e adquira o gosto pela arte. Além disso, a educação musical propicia à criança uma compreensão progressiva da linguagem musical, tendo em vista que esta prática possibilita o alcance de objetivos na sala de aula, gerando situações enriquecedoras que contribuem para a expressividade infantil.

De acordo com as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, o ensino da música faz parte da formação do cidadão que hoje se espera: autônomo e participativo; e para tanto, cabe redimensionar o papel da arte musical na escola.

Assim, segundo esse mesmo documento,

as oportunidades de aprendizagem de arte, dentro e fora da escola, mobilizam a expressão e a comunicação pessoal e ampliam a formação do estudante como cidadão, principalmente por intensificar as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior como o exterior” (BRASIL. MEC/ SEF, 1998, p. 19).

Jeandot (1993) compreende a música como *arte e conhecimento sociocultural*. Ao entrar em contato com os objetos, a criança começa a interagir com o mundo sonoro que, segundo esse mesmo autor, constitui-se o “*embrião da música*”. De fato, todo e qualquer objeto que produz ruído para a criança é um instrumento musical, pois ele é capaz de prender a sua atenção.

O processo de musicalização se dá a partir do contato espontâneo com a expressão musical desde os primeiros anos de vida. E esse processo inicia-se com os bebês, de forma intuitiva, no ambiente sonoro, onde a música se faz presente em diferentes formas. E esse contato com o meio lhes oferece condições de construir um repertório que lhe garanta iniciar uma forma de comunicação.

No ventre materno, o bebê escuta sons produzidos pelo corpo hospedeiro, criador, de sua mãe e sons do mundo exterior. Após o nascimento, passa a reconhecer os sons dos brinquedos, a voz dos familiares, e o corpo responde a eles imediatamente (FERREIRA, MENDES e CUNHA, 2001, p. 80).

Assim, à medida que vai crescendo a criança passa a selecionar os sons à sua volta e *esse processo de experimentar e classificar é o primeiro estágio da educação musical: um tatear inconsciente das possibilidades sonora* (Idem, *ibidem*, p.81 CUNHA).

O professor pode explorar a música, em seus vários aspectos, na sala de aula: trabalhar com sons, dançar, cantar, ouvir ruídos da natureza, de modo que a criança descubra o seu próprio corpo como elemento criador de sons e de música. Embora a música não seja trabalhada nas escolas somente por especialistas na área, entendemos que ela pode desempenhar na sala de aula importantes papéis no processo de formação global do educando, uma vez que há uma gama de procedimentos para se explorar o universo sonoro, como sugerem por exemplo os PCN e o Referencial para a Educação Infantil.

A música se traduz em formas sonoras que comunicam sensações, sentimentos e pensamentos e está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações, fato este, que propicia a interação e comunicação social. A música é uma linguagem universal e está presente em todos os lugares e sempre acompanhada de diversas formas de expressão artística, como por exemplo a dança. Além disso,

ela é tratada também como mercadoria de consumo na indústrias do lazer e do entretenimento. A indústria da música vem produzindo e lançando no mercado grande variedade de gêneros e estilos, indo do ocidente ao oriente, do passado ao presente, incluindo diferentes etnias, com abrangência do popular ao erudito (TOURINHO, COSTA, e CAPISANI, 2003, p.73).

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a música no contexto da Educação Infantil, tem atendido a vários objetivos, alguns dos quais alheios às questões próprias dessa linguagem. Tem sido suporte para atender à formação de hábitos e atitudes, apreensão de conteúdos específicos das disciplinas do currículo, desenvolvimento motor, da audição e do domínio rítmico, equilíbrio, auto-estima, autoconhecimento, desenvolvimento da expressão e integração social.

Embora a música venha sendo proposta, o Referencial citado aponta para a grande dificuldade dos professores em integrar a linguagem musical ao seu contexto educacional.

Constata-se uma defasagem entre o trabalho realizado na área da música e nas demais áreas do conhecimento, evidenciada pela realização de atividades de reprodução e imitação em detrimento de atividades voltadas à criação e à elaboração musical. Nesses contextos, a música é tratada como se fosse um produto pronto, que se prende a reproduzir, e não uma linguagem cujo conhecimento se constrói (BRASIL.MEC/SEF, 1999, p. 47).

Consideramos, pois, a música como uma linguagem artística, uma prática social, pois nela estão inseridos valores e significados atribuídos aos indivíduos e à sociedade que a constrói e que dela ocupa. E se a música compõe uma das propostas apresentadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, para o ensino de arte, como conteúdo específico, ela tem uma função tão importante quanto a dos outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem, pois:

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida (Idem, 2001, p. 21).

Desse modo, é importante a compreensão do fazer artístico, tendo em vista o fato de que as experiências de dançar, cantar, dramatizar, pintar, não devem ser consideradas como atividades para distrair da seriedade das demais disciplinas que compõem o currículo.

Ao conhecer arte, o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam a sua relação com o mundo, bem como contribuem para a apreensão de conteúdos específicos, como é o caso da música, que se constitui em um instrumento por meio do qual o educando consegue, dentre outros, sistematizar a aprendizagem de conteúdos.

Assim, de acordo com as propostas metodológicas apresentadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino da música, encontramos uma diversidade de procedimentos, tais como: interpretação de canções, experimentação, seleção e utilização de instrumentos e materiais sonoros do cotidiano, percepção e identificação dos elementos da linguagem musical, explicitando-os por meio da voz, do corpo e de materiais sonoros disponíveis, utilização e criação de letras de canções como elementos de linguagem, apreciação e reflexão sobre músicas da produção regional e nacional, consideradas do ponto de vista da diversidade, improvisações, concursos, festivais, danças, musical, atividades de movimento, pesquisas, jogos cantados e rítmicos.

De acordo com os PCN,

a escola pode contribuir para que os alunos se tornem ouvintes sensíveis, amadores talentosos ou músicos profissionais. Incentivando a

participação em shows, festivais, concertos, eventos da cultura popular e outras manifestações musicais, ela pode proporcionar condições para uma apreciação rica e ampla onde o aluno aprende a valorizar os momentos importantes em que a música se inscreve no tempo e na história (BRASIL.MEC/SEF, 2001, p.77).

Compreendemos que o ensino da música, como conteúdo inserido no currículo do 1º ciclo do Ensino Fundamental na disciplina de Arte, apresenta-se hoje como uma área de conhecimento que possibilita a construção de uma prática educativa democrática, abrangente e formativa.

2.3- A MÚSICA E A CULTURA POPULAR

O Brasil é um país rico em diversidade étnica e cultural, a qual tem sido marcada por desigualdades em diversos aspectos, sejam eles sociais ou intelectuais. Nesse sentido, não cabe apenas compreender e valorizar essas diferenças, mas aderir ao valor do outro, respeitando sua individualidade sem qualquer discriminação.

Dentre os diversos conceitos de cultura, Santos, assinala que

a cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se referir às manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes ao se falar na cultura da nossa época ela é quase que identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema, a televisão. Ou então cultura diz respeito às festas de um povo, ou a seu modo de vestir, à sua comida, a seu idioma (1994, p. 22).

O autor ainda se refere à cultura, de uma maneira mais genérica, ou seja, a associa como *tudo o que caracteriza uma população humana*.

Considerando a música como uma linguagem presente em todas as culturas, acreditamos ser importante enfatizar a cultura popular, a diversidade sociocultural, do ponto de vista educacional, a partir de elementos que são comuns aos grupos sociais: família, educação, vida social. A escola, como já nos referimos no capítulo anterior, constitui-se de um espaço onde as culturas se entrelaçam; assim, cabe a ela enfatizar as diversas heranças culturais que convivem na população.

É importante, pois compreender que:

(...) as culturas são produzidas pelos grupos sociais ao longo de suas histórias, na construção de suas formas de subsistência, na organização da vida social e política, nas suas relações com o meio e com outros grupos, na produção de conhecimentos, etc. A diferença entre culturas é fruto da singularidade desses processos em cada grupo social (BRASIL. MEC/ SEF 2001, p. 20).

Desse modo, falar de cultura é tratar, sobretudo, de constantes mudanças, manifestações, diferentes linguagens que ampliam as possibilidades de expressão e comunicação de um povo. Trata-se, portanto, de enfatizar as diferentes formas de linguagens bem como as manifestações regionais. Nesse contexto, a escola tem a possibilidade de trabalhar com esse cenário rico e ao mesmo tempo complexo, de forma a compreender a constituição da identidade e singularidade de diferentes indivíduos que nela se inserem.

Nesse sentido,

(...) a música, a dança, as artes em geral, vinculadas aos diferentes grupos étnicos e as composições regionais típicas, são manifestações culturais que a criança e o adolescente poderão conhecer e vivenciar. Dessa forma, enriquecerão seu conhecimento sobre a diversidade presente no Brasil, enquanto desenvolvem seu próprio potencial expressivo (Ibidem, p. 47).

A música está presente nas tradições e nas culturas dos povos em diferentes épocas. A sua presença no cotidiano das pessoas faz-nos refletir, como educadores, sobre as funções que ela assume ao longo de sua história, no sentido de construirmos uma estrutura sólida na prática pedagógica, a partir da utilização da música, uma vez que esta constitui-se em uma forma expressiva de linguagem.

O professor deve compreender a essência da linguagem musical e, a partir de suas próprias experiências e de seu próprio processo criador, facilitar o contato da criança com as diversas linguagens, propiciando situações em que a criança possa olhar o mundo e se expressar.

É importante proporcionar ao educando atividades de descoberta, com a criação de novas formas de expressão por meio da música. Todos os aspectos do desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicomotor estão intimamente interligados, o que torna difícil dizer que a música é mais importante nesse ou naquele aspecto. Desde a

Educação Infantil, a criança vive seu período basicamente sensorial e, por isso, faz-se necessário estimulá-la, e a música constitui um valioso instrumento para tal.

Diariamente, observamos que a dança, a música, o teatro, as artes plásticas e demais manifestações culturais ganham espaços nas ruas das grandes metrópoles. Trata-se, pois de manifestações do ser humano, vivendo e registrando a sua existência, revelando assim os conhecimentos construídos ao longo de sua vida.

O uso de danças folclóricas e regionais é primordial. Podem ser utilizadas de diversas formas e ainda servirem de base para a criação de coreografias por parte das crianças. Numa época em que as crianças são levadas a imitar os trejeitos sensuais das apresentadoras de programas de TV, de forma artificial e inadequada a esta faixa etária, a exploração dos movimentos corporais através da música se torna uma tarefa de importância gigantesca (NOGUEIRA, 1994, p. 93).

O desenvolvimento da humanidade sempre foi marcado por uma diversidade de conflitos entre os modos diferentes de organizar a vida social. Em função desses conflitos, são grandes as transformações por que passam as culturas.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil assinala que *Em todas as culturas as crianças brincam com música. Envolvendo o gesto, o movimento, o canto, a dança e o faz-de-conta. Os jogos e brincadeiras são expressões da infância* (BRASIL. MEC/SEF, 1999, p. 70).

No entanto, é expressiva a riqueza de formas das culturas e suas relações, as manifestações das diferentes classes e grupos que constituem a sociedade. É importante considerar a diversidade cultural que não é só feita de idéias. Ela está também relacionada com as maneiras de atuar na vida social.

Para conhecer, aprender a apreciar e adotar uma atitude de respeito pelas diferentes manifestações artísticas, faz-se necessário desenvolver nos educandos uma visão mais crítica e consciente, bem como a compreensão da música como uma linguagem universal, associada com a dança, o gesto, a fala e a comunicação, como fruto de aspirações individuais e coletivas.

O Brasil é um país musical. Em cada esquina, em cada casa, em cada escola, os espaços são permeados por sons. Assim, entendemos que, na formação musical da criança, deve ser incluída a compreensão das melodias e dos ritmos, dentre os quais

aqueles fornecidos pelo próprio folclore, o qual consideramos como um elemento indispensável para a educação da infância e para a cultura de um povo.

A grande maioria de nossas canções folclóricas apresenta o aspecto de uma beleza pura, com características de brasilidade muito acentuada que nos motiva a admirar a organização de corais, as rodas infantis, os brinquedos cantados. O folclore é, por assim dizer, uma força de interação, uma válida contribuição na educação do 1º ciclo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais trazem também como tema a pluralidade cultural e assinalam que:

Para os alunos, o tema Pluralidade Cultural oferece oportunidades de conhecimento de suas origens como brasileiro e como participante de grupos culturais específicos. Ao valorizar as diversas culturas que estão presentes no Brasil, propicia ao aluno a compreensão de seu próprio valor, promovendo sua auto-estima como ser humano pleno de dignidade, cooperando na formação de autodefesas a expectativas indevidas que lhes poderiam ser prejudiciais (Idem, 2001, p. 51).

O convívio escolar abre espaço para que a criança viva algo da beleza da criação cultural, partilhando um espaço em que se constata o fato de que todos são diferentes e necessitam de constantes interações por meio das quais se ensina e se aprende a cada momento. Portanto, para entender o simbolismo das expressões culturais, é preciso entender a sociedade produtora daquela manifestação cultural e vice-versa, passando assim, a conhecer um povo por meio de suas expressões culturais.

Nesse contexto, consideramos indispensável referirmo-nos, também, à cultura popular do Estado de Mato Grosso, especialmente sob o prisma da dança e da música, considerando a necessidade de enfatizar a sua importância para o desenvolvimento cultural desse povo que carrega herança dos pais, avós ou outras pessoas ligadas à sua história.

Trata-se de dançantes, festeiros e foliões que *demonstram além da obrigação devocional, comunitária ou promessa pessoal com as manifestações, uma grande alegria e satisfação em poderem realizá-las* (BAPTISTELLA, 1997, p. 11).

Não pretendemos listar quantitativamente as danças e as músicas populares do Estado, mas buscar apresentar uma síntese acerca das manifestações culturais que integram o dia-a-dia dos moradores e, de modo especial, os mais antigos, compondo, assim, o cenário e a vida sócio-cultural de diversos Municípios do Estado de Mato Grosso.

Desse modo, sinalizamos fragmentos de alguns depoimentos feitos por antigos moradores do interior de Mato Grosso: dançantes, dançarinas, festeiros e devotos que vêem na música e na dança o sentido mais forte de suas vidas.

Estas pessoas prontificaram-se a nos relatar suas experiências e sua sabedoria, confiando no uso que faríamos acerca destes dados. Expressões tais como: “Não se dá muito valor”, “Os jovens não querem aprender”, repetem-se constantemente entre os mantenedores dos conhecimentos mais profundos destas manifestações. Este é o principal motivo que justifica a urgência em efetivarmos a pesquisa, o registro e a difusão, revitalizando o interesse dos mais novos pela sua herança cultural (Ibidem, p. 13).

Ao lado da música, cabe ressaltar também a dança que, como uma atividade inerente à natureza do homem, sempre foi parte integrante das culturas humanas, pois toda ação supõe uma atividade corporal. Dentre as diversas danças que compõem a tradição cultural mato-grossense, destacamos a catira que resulta da junção música, canto e dança. São cantorias, um tipo de moda de viola, entoada por violeiros. A temática enfocada geralmente exprime o dia-a-dia, o trabalho, os amores, os lugares, enfim, os sentimentos de um povo.

Em Barra do Garças-MT, local onde a pesquisa foi realizada, inúmeras festividades culturais, recreativas e folclóricas são promovidas periodicamente, desde os forrós, catiras, cateretês, Santos Reis até as rodas infantis. Há sistematicamente, todos os anos festas comemorativas aos padroeiros Santo Antônio e Nossa Senhora da Guia, quando, então, são promovidos leilões, oferendas e bailes.

A multiplicidade de migrantes que vieram para Barra do Garças, deu-lhe características bastante especiais no que se refere à formação étnica de sua gente. Nesta cidade encontram-se paulistas, mineiros, baianos, goianos, sulistas, pessoas de todas as partes do Brasil. Cada migrante que chega traz consigo a tradição e os costumes de sua gente. É nesses encontros de hábitos e atitudes que vão se formando o folclore e a cultura barra-garcense. Uma das suas mais belas expressões culturais é a catira.

Algumas tradições religiosas do país também estão presentes no dia-a-dia da cidade. Todos os anos, a Folia de Reis, com suas fitas coloridas, segue pelas ruas

pedindo ajuda e abençoando as casas. Muito apegados às suas origens os sulistas exibem a beleza de suas danças no Centro de Tradição Gaúcha (CTG).

Assim como o folclore, a arte em Barra do Garças também se expressa de maneira diversificada. As belezas naturais, como as cachoeiras, serras, termas de águas quentes, o Rio Araguaia oferecem temas de inspiração para as diversas formas de expressão artística da cidade, seja para o poeta ou para o artista plástico. Por ter características tão próprias, a música produzida em Barra do Garças vem se firmando no Centro Oeste e em outras regiões do país. Falando quase sempre da relação do homem com a natureza, os poetas e compositores do Araguaia apontam para a necessidade da preservação do meio ambiente.

Música, dança e tradição também estão presentes entre os índios Xavantes e Bororos, que foram os primeiros habitantes da região de Barra do Garças. Estas duas nações indígenas estão cada vez mais integradas à civilização branca, assimilando novos hábitos e costumes, ao mesmo tempo em que lutam para preservar as suas próprias origens. Conhecidos pela bravura dos que defenderam esta terra em outras épocas, os Xavantes têm um espírito acolhedor e demonstram em suas danças a valorização do companheirismo e da união. Ainda como parte dos aspectos culturais da cidade, podemos enfatizar:

- Banda Municipal;
- Fanfarra em cinco escolas(duas municipais e três estaduais)
- Coral Infantil,Coral da 3ª idade e grupo de contadores de história do Programa Biblioteca Oficina de Literatura do ICLMA/UFMT.
- Grupo de teatro dos acadêmicos do curso de Letras da UFMT;
- Grupo de teatro orientado pelo NAPE: Núcleo de apoio Pedagógico da UNIVAR.

Atualmente, muitas peças do folclore estão sendo interpretadas por músicos populares, no entanto, não perdem o seu contexto original. Com base em nossas leituras e experiências como docente do 1º ciclo, consideramos indispensável a integração do folclore musical aos programas de ensino. Assim,

(...) abrangendo o cancionário folclórico infantil um campo vastíssimo, desde os acalantos e estribilhos das histórias contadas e cantadas, até os brinquedos cantados, oferecem aos professores ampla escolha de

material para o preparo de suas aulas, adequado às necessidades infantis, com a vantagem de reforçar o elo de ligação entre a escola e a comunidade escolar (ARAÚJO, 1997, p. 25).

Nas cantigas folclóricas infantis, é possível encontrar elementos necessários ao desenvolvimento rítmico do educando, como por exemplo, precisão nas palmas, peculiares aos brinquedos cantados. Esses brinquedos estimulam a correta emissão da voz, da boa dicção e ainda oferecem oportunidades diversas para a dramatização e a participação grupal, o ritmo, a socialização.

Arantes assinala que

(...) fazer teatro, música, poesia ou qualquer outra modalidade de arte é construir, com cacos e fragmentos, um espelho onde transparece com suas roupagens identificadoras particulares, e concretas, o que é mais abstrato e geral num grupo humano, ou seja, a sua organização, que é condição e modo de sua participação na produção da sociedade (1998, p. 78).

Nesse contexto, a escola necessita estruturar-se de forma dinâmica, propiciando ao educando o contato com diferentes manifestações culturais, levando em conta a importância que cada indivíduo tem de reconhecer-se como produtor de cultura.

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO DOS DADOS DAS ENTREVISTAS

A pesquisa que ora apresentamos foi realizada na cidade de Barra do Garças-MT, um dos principais pólos turísticos de Mato Grosso e o principal pólo

econômico do Vale do Araguaia, situando-se às margens do Rio Araguaia, aos pés da Serra Azul e próximo à Serra do Roncador. A população é de aproximadamente 80.000 habitantes. O município possui um total de 36 escolas, sendo que 18 (dezoito) são municipais e 18(dezoito) são estaduais. Com base na pesquisa realizada, apresentamos na íntegra os resultados obtidos junto às 14 (quatorze) professoras do 1º ciclo da rede pública estadual do município.

3.1. CARACTERIZAÇÃO DAS PROFESSORAS

A idade das professoras variou de 26 a 49 anos, fator este que, possivelmente, poderia diferenciar um resultado de outro. No entanto, observamos que este aspecto não alterou os dados, pois constatamos que a prática pedagógica e a concepção desses docentes, no que tange à música na sala de aula, têm a mesma característica.

Quanto ao nível de formação, de acordo com a coleta dos dados, 100% das entrevistadas são graduadas em Pedagogia e atuantes na área de sua formação. Na cidade de Barra do Garças-MT, local onde a pesquisa ocorreu, embora este curso seja oferecido em uma Instituição de Ensino Superior privada, é expressivo o índice de interesse pelo referido curso. Aproximadamente 7% das entrevistadas estão cursando uma especialização na área de educação. As demais demonstram bastante interesse por uma especialização, apenas aguardam uma oportunidade.

Observamos que o tempo de atuação da maioria das professoras nas séries iniciais é de 4 a 13 anos, como indica a Tabela I. Constatamos que o tempo de exercício na função, também não alterou os resultados, pois, com exceção de uma (Profª D), as demais demonstraram dificuldades em lidar com a música na sala de aula.

TABELA 1 – Tempo de atuação das professoras nas Séries Iniciais.

Tempo (anos)	Números de Professores	Percentual
4 – 8	5	36,0
9 – 13	6	43,0
14 – 18	1	7,0

19 – 22	1	7,0
23 – 27	1	7,0
TOTAL	14	100%

No tocante à habilidade das professoras com algum tipo de instrumento musical apenas uma professora toca um instrumento musical (violão), no caso específico a professora (Profª D). Observamos que durante as aulas desta professora a música esteve mais presente. Ela emocionou-se ao falar de sua prática em sala de aula. Percebemos, em sua fala, o quanto ela acredita na riqueza da música como um elemento facilitador no desenvolvimento global do aluno e, por tocar um instrumento musical, consegue experimentar diariamente a música na sala de aula.

Apesar disso, segundo ela, recebe críticas das colegas de trabalho:

Tem até professoras que me falam que isso é só começo! Que quando eu estiver no final da carreira esse fogo vai acabar.

Observamos a relação afetiva que ela estabelece com os alunos nas aulas de arte. Geralmente as crianças eram dispostas em círculo, e ali ela propunha a participação de todos nos brinquedos cantados e sempre com o seu violão a “tiracolo”. As aulas transcorriam tranqüilamente, as crianças à vontade, e de vez em quando um aluno dizia:

Professora, deixa eu tocar um pouquinho o seu violão?

Professora, vamos mostrar pra tia (tia era eu) a música das vogais? (e a professora cantava com as crianças).

Não compreendemos a prática desta professora como a ideal, no entanto, entendemos que esse “gostar de música” é um dos fatores que torna o trabalho do professor mais consistente, pois ela demonstra com facilidade a capacidade de aproximar os alunos do fazer musical, de uma maneira bastante prazerosa.

Tal prática nos remete a afirmar que a alegria proporcionada pela música pode contribuir com a aprendizagem de conteúdos específicos do currículo. Dentre outras práticas dessa professora, destacamos a sua afinidade com a música, quando, vez ou outra, ela dizia: *Como seria bom se todos gostassem de música como eu gosto.*

Ao lado dessa situação, observamos que as demais professoras demonstraram, tanto na entrevista, como na sala de aula, que não têm muita habilidade e

domínio para trabalhar com a música. Esta afirmação se confirmou quando perguntamos, por exemplo, à Prof^a B se ela utilizava algum aparelho sonoro:

Ah! Eu quase não uso, mas podemos dizer que pelo menos duas vezes por mês eu uso.

Logo adiante, perguntamos-lhe se havia feito alguma disciplina sobre a música no curso de graduação e ela lamentou:

Não tive, infelizmente. Ao nosso ver, nesse momento ficou evidente a falta de informação e formação dessa professora.

Vale ressaltar, ainda, depoimentos tais como:

Eu uso umas duas vezes por semana (o aparelho de som). Quando as crianças estão fazendo tarefinha eu ponho bem baixinho o som e elas adoram. (Prof^a F)

Essa professora demonstrou em uma das aulas a dificuldade em cantar com as crianças, pois, segundo ela, não tem muito ritmo. De fato o aparelho sonoro é bastante utilizado por ela, na maioria das aulas, apenas para as crianças ouvirem canções, aleatoriamente, como “fundo musical”, para a realização de atividades de pintura e colagem. Normalmente os CDs são trazidos de casa pelos alunos.

Ah! Eu acho muito importante a música. Ela alegra as aulas, as crianças ficam mais calmas, sem contar que elas aprendem muito mais. Só que eu não sei muito trabalhar com a música. (Prof^a J)

A maioria das escolas dispõe de um aparelho sonoro que pode ser utilizado em sala de aula. Apenas duas não possuem, e uma das professoras afirma que há esse recurso na escola, mas não está funcionando.

Embora a maioria conte com esse recurso, o que constatamos é que alguns não estão em bom estado de conservação, sem contar com o seu uso didático-pedagógico, que na maioria das vezes serviu apenas para momento de descontração. Alguns depoimentos nos confirmam esses dados sobre o estado de conservação dos aparelhos sonoros na escola. Outro fator que constatamos é que em nenhuma dessas unidades de ensino há qualquer tipo de instrumento musical.

Tem um aparelho de som. Mas é só um. E não está muito bom! CD por exemplo, ele não toca. (Prof^a A)

Esse semestre está sem som na escola. O que tinha queimou e ainda não foi arrumado. É uma pena!. (Prof^a D)

Tem um toca fita que não é muito bom, mas é muito usado pelos professores. (Prof^a F)

Tem um aparelho de CD que não está muito bom. Toca muito baixinho. Quando a gente usa ele pra muita gente, quase não dá pra ouvir. (Profª I)

Até que tinha, mas ele quebrou e ainda não foi arrumado. (Profª J)

Como demonstra a Tabela 2, embora como forma de descontração, a maioria das professoras afirma que utiliza esse aparelho sonoro pelo menos uma vez por semana:

Pelo menos uma vez por semana eu levo ele pra sala. As crianças adoram, principalmente quando eu ponho CD da XUXA". (Profª A)

Eu gosto muito de cantar com as crianças. (Profª J)

TABELA 2- Frequência com que as professoras utilizam aparelho sonoro em sala de aula

Utilização do Aparelho	Número de Professores	Percentual
Uma vez por semana	6	43,0
Duas vezes por semana	4	29,0
Duas vezes por mês	1	7,0
Quase não usa	2	14,0
Não usa porque está quebrado	1	7,0
TOTAL	14	100%

No que tange à disciplina ou aulas sobre a música, no decorrer do curso de graduação, 93% das informantes não receberam formação musical. Apenas uma professora teve aulas sobre a música durante o seu curso de formação, no entanto, não considera que estas aulas tenham sido suficientes para a sua formação musical.

Sim, tive algumas aulas desse tipo, com uma professora que tivemos de Metodologia da Matemática. Mas foram poucas aulas, não foram suficientes para a minha formação em música, mas foi muito bom (Profª C). Segundo as informações desta professora as referidas aulas eram ministradas no curso de graduação. Trata-se da professora de Metodologia da Matemática, que propôs aos acadêmicos a elaboração de uma coletânea de canções, com o objetivo de ensinar canções que pudessem ser utilizadas para a apreensão de conteúdos específicos de matemática.

Todas as entrevistadas afirmaram que a música é incluída no planejamento anual de ensino, tendo em vista que o ensino de arte no 1º ciclo das unidades de ensino onde atuam os sujeitos investigados é de acordo com a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Todas consideram a música como um elemento importante e facilitador da aprendizagem do educando. Assim, enfatizamos alguns depoimentos que comprovam essa afirmação:

Ah! Eu acho que ela incentiva o aprendizado da criança.(Prof.^aA)

A música nas séries iniciais é fundamental. (Prof^a B)

A música em si desperta o interesse da criança e dá oportunidade pra ela criar.(Prof^o D)

A música é indispensável, todas as crianças gostam e facilmente adquirem os ensinamentos que vêm das canções. (Prof^a E)

A música teria que ser obrigatória em todas as séries. (Prof^a H)

Ela alegra as aulas, as crianças ficam mais calmas, sem contar que elas aprendem muito mais.(Prof^a J)

A música é tudo na sala de aula. Ela ajuda as crianças na aprendizagem dos conteúdos, principalmente as crianças menores.(Prof^a L)

Apesar de todas as docentes considerarem a música importante, isso só se evidencia só teoricamente, porque a maioria, dentre elas as Professoras A e B, não especificam o porquê dessa importância.

Todas as professoras entrevistadas afirmaram que a música exerce influência expressiva na cultura, mas o que observamos foi a carência de argumentos dessas professoras sobre essa relação.

Demais! Música é cultura. (Prof^a L)

Eu acho que influencia. A música é tudo.(Prof^a E)

Influencia demais. Aliás, eu acho que a música influencia em todos os sentidos (Prof^a C).

3.2. PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE ARTE

A observação da prática didático-pedagógica das professoras nas aulas de arte revelou que essas docentes estabelecem uma relação distante com a música, delineando alguns comportamentos que demonstram a dificuldade que elas têm ao lidar com a música na sala de aula.

No decorrer destas observações foi possível constatar que as aulas de arte ocorreram normalmente. As descrições a seguir (aula das Professoras A e B), permitem exemplificar a rotina dos procedimentos dessas docentes durante uma das aulas de arte.

Ao perceber a minha chegada, a Prof^a. A, solicita aos alunos que fechem o caderno de ciências para iniciar a aula de arte. Os alunos, numa demonstração de cansaço, solicitam à professora uma aula bem diferente (era o último horário, no período vespertino).

- *Hoje eu trouxe um desenho lindo para vocês pintarem !*
- *De novo, professora? Eu não trouxe lápis de cor - disse um dos alunos.*
- *Peça ao colega. Vamos pintar o desenho em grupo, mas antes, vocês querem cantar um pouco? – Professora Vera, você nos ajuda a cantar a música da sementinha? (nesse momento eu cantei com as crianças e a professora).*
- *Professora, vamos cantar outra música ? – disse uma aluna.*
- *Não. Vamos pintar o desenho, senão não dá tempo. Quem for terminando traga para eu colocar os desenhos no varal da sala, pois amanhã a gente vai fazer uma história deste desenho. Era o desenho de uma paisagem enfatizando a importância da preservação da natureza.*

As crianças pintaram o desenho num clima de muito desconforto em função do calor imenso daquele dia. Durante todo o tempo a professora pedia “silêncio”. Faltando dez minutos para o término da aula a professora solicitou aos alunos que haviam terminado o seu desenho para que esperassem o toque do sinal sentados, no lado externo da sala, no corredor da escola.

Quanto à aula da Professora B, esta ocorreu no período matutino, logo após o término do recreio. As crianças entraram para a sala um pouco agitadas, algumas transpirando muito. A professora solicitou aos alunos que ocupassem os seus respectivos lugares na sala para que pudesse dar início à aula.

Percebi um certo desconforto da professora, pois me pareceu, naquele momento, que ela não havia preparado a aula de arte. Solicitou então a um aluno que buscasse o aparelho de som na sala da coordenação. O aluno foi e voltou imediatamente dizendo que o aparelho estava sendo utilizado.

A professora então solicitou que cada aluno destacasse uma folha do caderno e fizesse um desenho livre. Obedientes, as crianças iniciaram a atividade num clima de silêncio.

- *Professora, eu não trouxe lápis de cor!*

- *Faça o desenho e pinte quando chegar em casa. Traga amanhã.*

Quem for terminando me dê o desenho para colar na parede e vão abrindo o caderno de português.

Assim, terminou a aula de arte daquele dia.

Dentre os comportamentos observados, enfatizamos aqui, os mais comuns, como por exemplo, a comunicação entre professor e aluno é feita de forma restrita, com expressões quase sempre reguladoras. Durante a aula de arte, a professora pede “silêncio”, constantemente, ou seja, os alunos são, na maioria do tempo, impedidos de levantar de suas carteiras ou constantemente são ameaçados: *hoje você fica sem recreio* (Profª B). *Vou tirar um ponto de sua média* (Profª E).

Em outros casos, os alunos vêm as aulas de arte como um espaço para indisciplina e nesses momentos a professora não consegue controlar a suas inquietação e a aula resume-se apenas em frases assim:

Senta no seu lugar! (Profª J).

Se vocês continuarem com essa bagunça, na próxima semana eu não dou aula de arte (Profª L).

Menino! Senta aqui na minha mesa e vai fazer tarefa de matemática! (Profª B).

Fiquem quietos, senão não vão para a aula de Educação Física amanhã (Profª A).

Outro fato observado é o recurso utilizado pela professora da disciplina de Matemática, como forma de punição e da disciplina de Educação Física como chantagem,

ou seja, o não comportamento do aluno, implica a não participação nas aulas de Educação Física.

O quadro se agravava, quando, principalmente no período vespertino, as condições ambientais das salas (geralmente lotadas) não favoreciam a realização da aula, em função do calor insuportável. Nesses dias, as aulas transcorriam num clima de desconforto e sem muito rendimento.

Das aulas observadas, 80% foram ocupadas com pinturas e colagens. A professora trazia um determinado desenho mimeografado, e as crianças pintavam. Nas 84 observações, registramos 32 vezes professoras que levaram um aparelho de CD, com músicas infantis para que as crianças ouvissem, enquanto realizavam alguma atividade de pintura ou colagem, ou então a professora cantava com as crianças alguma canção, como forma de descontração e, em seguida, voltava à atividade anterior.

Um aspecto, também observado, refere-se à adaptação nas letras de algumas canções que foram utilizadas pelas professoras durante as aulas. São letras adaptadas, cujas versões originais muitas das crianças nem mesmo chegaram a conhecer nem tão pouco tiveram a oportunidade de cantá-las, dançá-las, e vivenciá-las. Aprendem versões pobres, que se destinam apenas à fixação de conteúdos escolares, e essa prática distancia o educando da real essência do folclore. Dentre tais canções, citamos algumas delas:

TOMATE (Atirei o pau no gato)

O vermelho a cor do tomate te te
Verde de de de/ a cor da folha lha
A amarelo lo lo/ a cor do sol sol sol
E o azul, e o azul a cor do céu.... céu!

AS VOGAIS (Ciranda cirandinha)

A abelhinha bonitinha faz o mel e lambe o “a”
Passa o dia zum zum zum voando de cá pra lá.
Lá no circo a criançada não acredita no que vê

O elefante ensinando com a tromba faz o “e”.
 Lá na torre da igreja você viu o que eu vi
 Bem magrinho e bem fininho esperando está o “i”.
 Com o ovo da galinha aprendi fazer o “o”
 Não é bola redondinha ensinava a vovó.
 Minha unha bem limpinha sempre faz lembrar o “u”
 Agora nós já sabemos a ler o A E I O U.

As observações parecem indicar que o ambiente da sala de aula também constitui-se de um fator preponderante para a realização de toda e qualquer atividade relacionada de modo especial à arte, considerando o fato de que, em um ambiente agradável, a aprendizagem torna-se mais prazerosa.

Outro fator que nos chamou a atenção é que 70% dessas professoras optam por deixar as aulas de arte para o último horário. Desse modo questionei estas professoras sobre as razões pelas quais isso acontece. Dentre as respostas obtidas, citamos:

É prático (Profª. C).

Nas aulas de arte eles ficam mais agitados, e sendo no último horário fica melhor (Profª G).

Nas aulas de arte eles fazem muita sujeira e sendo no último horário, acabando a aula eles vão embora (Profª J).

Eu acho melhor (Profª A).

Nas aulas de arte eu gosto de deixar eles completamente a vontade, porque é um momento de descontração e descanso (Profª B).

Na prática, observamos determinadas situações de rejeição dos alunos às atividades propostas, o que acabava gerando situações interacionais difíceis cujo quadro a professora não dispunha de condições para reverter. O que acabava acontecendo era apelar para posturas repressivas ou chantagens, o que muito pouco resultado prático parecia ter.

Frases que constantemente ouvimos dos alunos:

Ah! Professora! De novo esse desenho? (aluno da profª G)

Vamos fazer outra coisa! (aluna da profª H)

Eu vou pintar de qualquer jeito. (aluna da profª M)

Vamos brincar de outra coisa, professora?. (aluno da profª I)

Na verdade, observamos um certo repúdio de algumas crianças durante as aulas de arte. Registramos, freqüentemente, as professoras desenvolvendo seu trabalho com uma carência de material, o que não justifica a ausência da música em sala de aula.

Observamos, assim, a configuração de um ambiente pedagógico marcado por uma rotina constante, o que parece reforçar a idéia de que a música não tem sido considerada como um elemento indispensável na arte e na cultura. Tais depoimentos nos remetem a afirmar que há uma carência elevada de programas voltados para a educação musical, sobretudo na formação inicial do profissional da educação.

CONCLUSÃO

Comprendemos que a escola constitui-se de um espaço de construção e reconstrução de conhecimento. Nesse sentido, pode surgir como possibilidade de realizar um ensino de arte por meio do qual a música esteja ao alcance de todos. Para tanto, faz-se

necessário a implantação de políticas de apoio e incentivo às atividades pedagógicas musicais.

Com a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais em 2001, as escolas públicas, especialmente no município de Barra do Garças, passaram a adotar este referencial como apoio para o ensino de Arte. Observamos que a proposta não atingiu seu objetivo de modo integral, pois o fazer musical tem estado distante do cotidiano das salas de aula.

Considerando que um dos objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais é aproximar o aluno da música, a partir de procedimentos adequados, entendemos a necessidade do preenchimento da lacuna musical que se observa no cotidiano das salas de aulas do Ensino Fundamental. O ensino de arte está presente no artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- Lei nº 9394/96, no entanto, esta tem sido uma disciplina ausente no cotidiano da sala de aula.

Tendo em vista os depoimentos das professoras, observamos que os discursos não condizem com a prática, mesmo porque a prática musical está restrita às festividades e aos entretenimentos. Além desse fator, verificamos que a formação inicial das professoras não correspondeu às exigências da compreensão da educação musical (como é o caso da Instituição formadora dos sujeitos investigados), ou seja, é necessária uma formação mais específica do professor, para que este possa atuar de forma mais consciente e adequada.

São diversas as falhas existentes no que tange à presença da música na sala de aula, em decorrência do desconhecimento dos professores sobre a natureza dos elementos fundamentais, como o som, o ritmo, a melodia, a harmonia. Entendemos que a compreensão pelo professor de que existe uma diversidade de formas de pensar, lidar e gostar de música, muito contribui para a construção do fazer musical.

O que observamos é a ausência da música na grande maioria das escolas do 1º Ciclo onde atuam profissionais que não tiveram preparação específica nem desenvolveram referências conceituais e metodológicas para o ensino da arte, e especificamente, da música como conteúdo específico que traz contribuição para a formação geral dos alunos.

Por outro lado, cabe ressaltar o fato de que há certas limitações para o ensino da música nas escolas, como, por exemplo, a carência de material músico-

pedagógico, salas inadequadas, precariedade de tempo, sem contar as turmas numerosas. Outro fator que dificulta essa prática consiste na ausência de um método atrativo, e ao mesmo tempo real, que possibilite uma aprendizagem prazerosa. Entendemos a necessidade de dar à educação musical um caráter progressivo que acompanhe o aluno no decorrer de sua vida escolar.

Dentre as práticas observadas, é comum cantar ou ouvir canções no início e término das aulas, bem como nos momentos de festividade, compatíveis com datas comemorativas. Não pretendemos com essa afirmação invalidar tal prática; no entanto, é necessário perceber que a música tem um sentido mais amplo e vem ocupando, cada vez mais, espaços no cenário da vida contemporânea. Acreditamos na necessidade de trabalhar o conteúdo musical numa perspectiva de currículo mais humanista, considerando, pois, as habilidades e potencialidades do educando, articulando, assim, a música com as demais disciplinas do currículo.

Embora a música esteja inserida na proposta curricular nacional, esta não se encontra inserida na proposta curricular da maioria das escolas, ou seja, é evidente a sua desvalorização no interior das instituições de ensino e, quando ela se faz presente, está desvinculada da realidade do educando. Os cursos de formação carecem dos fundamentos mais elementares da arte musical, bem como de uma carga horária que possibilite um trabalho mais efetivo.

Na realidade da sala de aula, esse conhecimento não é manifestado, o que ocorre, na verdade, são práticas isoladas, desarticuladas e irregulares. Na maioria das escolas, onde a música é incluída no currículo, os professores continuam reduzindo essa disciplina à realização de atividades lúdicas, não enfatizando o processo de aprendizagem e a aquisição de novos conhecimentos.

Diante da realidade educacional no Brasil, observamos que a educação musical não apresenta uma característica própria, um direcionamento que lhe dê a identidade do saber escolar, com possibilidades de acesso à prática musical, em que se articulam experiências adquiridas pelos alunos, dentro e fora do sistema escolar de ensino. A educação musical, de modo especial no 1º ciclo, exige propostas mais prudentes rumo à intervenção de caráter educativo, pois é nessa fase da escolaridade que se dá a formação e o desenvolvimento de habilidades importantes para desempenhos futuros dos indivíduos.

De fato, com o número reduzido de professores habilitados em Educação Artística, não haverá condições de atender à demanda da rede pública de ensino. No entanto, a escola, como construtora e reconstrutora de conhecimento, pode primar por realizar um ensino visando aproximar o aluno da música, de modo que ele aprenda a ouvi-la, apreciá-la e compreendê-la.

O quadro observado no decorrer de nossa pesquisa foi bastante desolador, com professores atuando de forma inadequada e sem nenhum tipo de preparação. Ao lado disso, centenas de alunos distantes do contato prazeroso e relevante do fazer musical.

As aulas de arte, para serem agradáveis e atraentes, não necessitariam de muitos elementos, (uma vez que há carência de materiais), mas bastaria, minimamente, que contasse com docentes qualificados e preparados para atuar dentro de um contexto diversificado, com a pluralidade cultural, um docente que pudesse trabalhar a arte integralmente, que compreendesse a importância da arte, sobretudo a “arte musical” na educação.

As observações nos indicam que a rejeição de alguns alunos justifica-se pela prática rotineira das professoras, ao preparar as aulas de arte. Já as entrevistas com os professores possibilitaram-nos chegar a algumas conclusões, pois, observando as características comuns entre estas professoras, constatamos que, além da formação inicial das docentes não “dar conta” de prepará-las para trabalhar a música em sala de aula, a afinidade do professor com a música influencia significativamente em sua prática.

Desse modo, não basta apenas incluir a música nos currículos escolares, é preciso que haja uma reflexão mais apurada sobre a realidade educacional brasileira, a fim de que a música possa ser entendida como um conteúdo curricular importante para a formação do indivíduo.

Vale ressaltar que as indicações para o ensino da música nos Parâmetros Curriculares Nacionais e no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil não são suficientes para que esse quadro possa mudar. Acreditamos na necessidade de a música ser entendida verdadeiramente como uma linguagem universal, presente em todas as culturas e em todas as escolas.

Nesse contexto, com exceção dos documentos citados, as referências consultadas explicitaram a ausência de propostas educacionais consistentes, fato este que vem gerando o silêncio musical no interior das salas de aula do Ensino Fundamental.

Vimos pelas observações, a pertinência dessas afirmações, uma vez que nos deparamos com docentes que incluem a música no seu planejamento anual, apenas por ser uma exigência institucional, como afirmam nas entrevistas.

Assim, esperamos ter contribuído com o debate e o diálogo sobre a música na sala de aula do 1º ciclo, pois estamos conscientes de que há um longo caminho a ser percorrido, e que não cabe parar por aqui.

A musicalidade da educação, quando explicitada, projeta-se nos mais diferenciados acordes, cada um sonorizando sua singularidade, daí a pertinência de se buscar a afinação dos instrumentos de maneira a possibilitar o uníssono das vozes (educador/educando/comunidade escolar) que compõem a sinfonia tocada pela orquestra no espaço escolar.

BIBLIOGRAFIA

ABEM - Associação Brasileira de Educação Musical. Anais. III Encontro Anual. *Educação Musical no Brasil: Tradição e Inovação*.1991, Salvador- Bahia: 19 a 22 de junho de 1994.

ANDRÉ, Marli Eliza D. *A Etnografia da Prática Escolar*. 5. ed., Campinas: Papirus, 2000.

ARANTES, Antônio Augusto. *O que é Cultura Popular?* 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

ARAÚJO, Bernadete Durães. *Folclore*. Secretaria de Cultura - Coordenadoria de Preservação Cultural. SEC – Cuiabá: 1997.

BAPTISTELLA, Rosana. *Danças Populares de Mato Grosso*. Projeto *Interiorizando a Informação Cultural*. Secretaria de Cultura - Coordenadoria de Preservação Cultural. SEC - Cuiabá-MT: 1997.

BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *John Dewey e o ensino da arte no Brasil*. 4. ed., São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/ Arte, 1997.

BRASIL. MEC/SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais* 3. ed., v.1, v. 6 e v.10. Brasília: A Secretaria, 2001.

BRASIL. MEC/SEF. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* v. 1, v. 2 e v. 3. Brasília: A Secretaria, 1999.

BRASIL. MEC/SEF. *Referencial Curricular Nacional para a Formação de Professores* v. 1, v. 2 e v. 3. Brasília: A Secretaria, 1999.

BRITAIN, W. Lambert e LOWENFELD Viktor. *Desenvolvimento da Capacidade Criadora*. São Paulo: Mestre JOU, 1977.

BRZEZINSKI, Iria. *Pedagogia, pedagogos e formação de professores: Busca e movimento*. Campinas: Papyrus, 1996.- (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

CUNHA, Marcus Vinícius da. *John Dewey - Uma Filosofia Para Educadores em Sala de Aula*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CURY, Carlos R. Jamil. *Educação e Contradição* - elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. 3. ed, São Paulo: Cortez, 1987.

DEWEY, John. *Vida e Educação*. 6. ed, São Paulo: Melhoramentos, 1967.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *Fundamentos Estéticos da Educação*. 4. ed., Campinas: Papirus, 1995.

_____, *Por que Arte-Educação?* 7ª Edição, Campinas: Papirus, 1994.

FERRAZ, Maria Luiza Correia de Toledo e SIQUEIRA, Idméa Semeghini Próspero. *Arte Educação- Vivência, Experienciação ou livro didático?*, São Paulo: Loyola, 1987.

FERREIRA, MENDES E CUNHA (org). *O Ensino das Artes: Construindo Caminhos*. Campinas SP: Papirus, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. 12. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GENTILI, Pablo A. *A falsificação do consenso: simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

GENTILE Pablo e SILVA, Tomaz. *Escola S.A. quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo*. Brasília DF:CNTE, 1996.

GIMENO SACRISTÁN, J. *Currículo - uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

JEANDOT, Nicole. *Explorando o Universo da Música*. São Paulo: Scipione, 1993.

LDB - Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional -Lei nº 9.394/96.

LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus Professor, Adeus Professora?* 3. ed., São Paulo: Cortez, 1999.

_____, *Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática*. Goiânia: Alternativa, 2001.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. *O ensino da música no Ensino Fundamental: um estudo exploratório*. (Dissertação apresentada no Mestrado em Educação da PUC/MG, 2001).

MAGNANI, Sergio. *Expressão e Comunicação na Linguagem da Música*. 2. ed., Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

MARIN, Alda Junqueira (org). *Educação Continuada*. Coleção Magistério, Campinas: Papirus, 2000.

MATO GROSSO. SEE. *Escola Ciclada de Mato Grosso*. Cuiabá: 2001.

NOGUEIRA, Monique Andries. *A Formação do Ouvinte: Um direito do Cidadão-Propostas para a Educação Musical no Ensino Fundamental*. (Dissertação apresentada no Mestrado em Educação Brasileira da UFG, 1994).

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky - Aprendizado e Desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo-SP: Scipione Ltda, 1993.

PIMENTA, Selma Garrido. (org). *Pedagogia, Ciência da Educação?* 2. ed., São Paulo: Cortez, 1998.

Projeto Pedagógico da UNIVAR - Faculdades Unidas do Vale do Araguaia. Barra do Garças MT: 2003.

RODRIGUES, Neidson. *Da Mistificação da escola à escola necessária*. 7. ed., São Paulo: Cortez, 1996.

SAVIANI, Dermeval. *Educação do senso comum à consciência filosófica*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, Coleção Educação Contemporânea, 1996.

- SANTOS, José Luiz dos. *O que é Cultura?* 14. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SCHIMITZ, Egídio F. *O homem e sua educação-* Fundamentos de Filosofia da Educação. Porto Alegre: Sagra, 1984.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Educação, Ideologia e Contra-Ideologia*. São Paulo: EPU, 1989.
- SNYDERS, Georges. *A Escola pode ensinar as alegrias da música?* 3. ed, São Paulo: Cortez, 1997.
- TOURINHO I, CAPISANI, Dulcimira e COSTA, Luiz Edegar (org). Congresso Nacional da Federação de Arte Educadores do Brasil. Anais/XI, Goiânia: FAV/UFG: FAEB, 2003.
- WEBER, Max. *Fundamentos Racionais e sociológicos da música*. São Paulo: Editora USP, 1995.
- VARJÃO, Valdon. *Barra do Garças- Um pouco de sua história*. 1. ed., Barra do Garças-MT, 1996.
- VEIGA, Ilma Passos (org). *Projeto Político-Pedagógico da Escola*. 10. ed. Campinas: Papyrus, 1995.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Questionário de entrevista:

- 1- Qual a sua idade?
- 2- Qual a sua formação escolar?
- 3- Há quanto tempo você atua como professora nas séries iniciais?
- 4- Você toca algum instrumento musical?

- 5- A escola que você trabalha dispõe de algum aparelho sonoro ou instrumentos musicais que possam ser utilizados como recurso didático pelo professor em sala de aula? Quais?
- 6- Você utiliza esse material? Com que frequência?
- 7- Em sua formação profissional, ou seja, no curso de graduação, você teve aulas ou alguma disciplina sobre a música na educação e como utilizá-la?
- 8- Na escola que você trabalha, a música é incluída nas atividades propostas no planejamento anual de ensino?
- 9- Como você vê a utilização da música em sala de aula, nas séries iniciais?
- 10- Você acha que a música influencia a cultura de um povo? Porquê?
- 11- Você tem alguma consideração a fazer? Algo a dizer?

Entrevista realizada com a Professora A

E - Professora, boa tarde, como vai?

P.A - Muito bem, obrigada! Seja bem vinda em minha casa. Desculpe a bagunça, mas meu filho chegou da escola agora mesmo e você sabe né? Criança é fogo!

E - Bem, não quero tomar muito o seu tempo, mas podemos iniciar a nossa entrevista?

P.A - Claro! Se estiver ao meu alcance, responderei às suas perguntas.

E - Qual a sua idade, professora A?

P.A - Eu tenho 45 anos, vou completar 46 o mês que vem.

E - Qual a sua formação escolar?

P.A - Eu tenho o curso de Pedagogia. Fiz lá na UNIVAR. Você sabe! Já foi até minha professora! Tenho tanta saudade daquele tempo! Eu aprendi muito com os professores de lá, sabia?

E - Há quanto tempo você atua como professora nas séries iniciais?

P.A - Minha filha! Estou louca pra aposentar! Já faz 23 anos! É tempo demais né?

E - Você toca algum instrumento musical?

P.A - Tenho o maior sonho de aprender tocar violão, mas acho que já passou da hora.

E - Professora A, a escola que você trabalha dispõe de algum aparelho sonoro ou instrumentos musicais que possam ser utilizados como recurso didático pelo professor em sala de aula?

P.A - Tem um aparelho de som. Mas é só um! E não está muito bom! CD, por exemplo ele não está tocando.

E - Você utiliza esse aparelho, professora? Com que frequência?

P.A - Pelo menos uma vez por semana eu levo ele pra sala. As crianças adoram, principalmente quando eu ponho CD da XUXA.

E - Em sua formação profissional, ou seja, no curso de graduação, você teve aulas ou alguma disciplina sobre a música na educação e como utilizá-la?

P.A - Tive nada! A única coisa que fizemos foi aquele livro de canções que você fez com a gente. E só! Eu até tenho ele até hoje. De vez em quando eu uso ele pra cantar, mas sou tão desafinada que dá dó!

E - Na escola que você trabalha, a música é incluída nas atividades propostas no planejamento anual de ensino?

P.A - É. A gente usa os PCN.

E - Como você vê a utilização da música em sala de aula, nas séries iniciais?

P.A - Ah! Eu acho que ela incentiva o aprendizado da criança! É tão bom ! Ah! Além de dar incentivo, a música faz com que as aulas fique mais agradável, levando o aluno a ter compreensão melhor do conteúdo.

E - Você acha que a música influencia a cultura de um povo?

P.A - Influencia e muito!

E - Porque?

P.A - Cada povo tem seus costumes. Você não vê os índios Xavantes? Até CD eles gravaram! Aqui na Barra por exemplo, nós temos um estilo de música que muitos Estados não tem, e isso que faz a diferença.

E - Professora A, você tem alguma consideração a fazer? Algo a dizer?

P.A - Eu desejo muita sorte pra você! Vai em frente, porque a música anda muito devagar nas escolas.

Entrevista realizada com a Professora B

E - Professora, boa tarde! Eu quero agradecer inicialmente a sua disponibilidade em me atender. Como vai?

P.B - Muito bem, obrigada! Eu estava mesmo te esperando, é bom que aproveitamos a minha hora atividade e podemos conversar tranquilamente.

E - Podemos iniciar a nossa entrevista?

P.B - Podemos sim!

E - Qual a sua idade, professora B?

P.B - Eu tenho 33 anos.

E - Qual a sua formação escolar?

P.B - Eu tenho o curso de Pedagogia. Estou pretendendo começar uma pós, mas tá muito difícil!

E - Há quanto tempo você atua como professora nas séries iniciais?

P.B - Já tem um bom tempo! Faz quase doze anos. Completa doze agora este ano.

E - Você toca algum instrumento musical?

P.B - Nem na cabeça dos outros, mas acho bonito!

E - Professora B, a escola que você trabalha dispõe de algum aparelho sonoro ou instrumentos musicais que possam ser utilizados como recurso didático pelo professor em sala de aula?

P.B - Tem um aparelho de som, televisão e vídeo.

E - Você utiliza esse aparelho, professora? Com que frequência?

P.B - Ah, eu quase não uso, mas podemos dizer que pelo menos umas duas vezes por mês eu uso.

E - Em sua formação profissional, ou seja, no curso de graduação, você teve aulas ou alguma disciplina sobre a música na educação e como utilizá-la?

P.B - Não tive, infelizmente!

E - Na escola que você trabalha, a música é incluída nas atividades propostas no planejamento anual de ensino?

P.B - Claro! Tem que incluir porque é a proposta dos Parâmetros.

E - Como você vê a utilização da música em sala de aula, nas séries iniciais?

P.B - A música nas séries iniciais é fundamental, porém, a partir da música o educando vai desenvolver sua aprendizagem em relação as idéias musicais, letra, sonoridade e textura. Ela influencia na vida do educando trazendo assim, diversas atividades como brincadeiras, jogos e danças.

E - Você acha que a música influencia a cultura de um povo?

P.B - Influencia, porque veja bem, através da música o aluno conhece o cantor, o autor . A música deve ser envolvida através da letra, este é um passo muito importante. O educando precisa conhecer e sentir a arte musical.

E - Professora B, você tem alguma consideração a fazer? Algo a dizer?

P.B - Eu só espero que os professores passem a usar mais a música na sala de aula, porque é muito produtivo.

E - Obrigada, Professora B.

Entrevista realizada com a Professora C

E –Professora, é com imensa satisfação, que eu venho até a sua residência para a realização desta entrevista. Agradeço a sua participação, concedendo-me informações necessárias ao meu trabalho de mestrado.

PC - Claro que a satisfação é toda minha, pois eu sempre disse que se todos os educadores pensassem em melhorar a sua prática, a educação estaria bem melhor.

E - Podemos iniciar a entrevista?

PC - Podemos sim!

E - Qual a sua idade, professora C?

PC - Eu tenho 36 anos.

E - Qual a sua formação escolar?

PC - Eu tenho o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Estou fazendo pós graduação na área de educação. Não pretendo parar, se Deus quiser vou fazer um mestrado ainda! E sobre música!

E - Há quanto tempo você atua como professora nas séries iniciais?

PC - Faz pouco tempo. Estou dando aula faz somente 4 anos. Antes eu não trabalhava porque meus meninos eram pequenos demais.

E - Você toca algum instrumento musical?

PC - Tenho muita vontade, mas infelizmente não toco.

E - Professora C, a escola que você trabalha dispõe de algum aparelho sonoro ou instrumentos musicais que possam ser utilizados como recurso didático pelo professor em sala de aula?

PC - Tem só um aparelho de som.

E - Você utiliza esse aparelho, professora? Com que frequência?

PC - Sim, em uso mais ou menos a cada quinze dias. Mas as crianças gostam muito.

E - Em sua formação profissional, ou seja, no curso de graduação, você teve aulas ou alguma disciplina sobre a música na educação e como utilizá-la?

PC - Sim, tive algumas aulas desse tipo, com uma professora que tivemos de Metodologia da matemática. Mas foram poucas aulas, não foram suficientes para a minha formação em música, mas foi muito bom.

E - Na escola que você trabalha, a música é incluída nas atividades propostas no planejamento anual de ensino?

PC - Sim. Incluímos a música todos os anos no nosso planejamento, mas é difícil, eu por exemplo não sei muito trabalhar com música, mas tem que ir levando.

E - Como você vê a utilização da música em sala de aula, nas séries iniciais?

PC - Eu vejo que a música é um método que propõe um aprendizado de maneira descontraída, sem cobranças, despertando o interesse do aluno pela arte. Ele é muito importante, pelo menos eu acho, porque ajuda na memorização dos conteúdos.

E - Você acha que a música influencia a cultura de um povo?

PC - Influencia demais. Aliás eu acho que a música influencia em todos os sentidos.

E - Professora C, você tem alguma consideração a fazer? Algo a dizer?

PC - Quero deixar o meu apelo aos professores que estão iniciando a sua carreira no magistério, que procurem diversificar as suas aulas e a música é um bom começo.

E - Obrigada, Professora C.

Entrevista realizada com a Professora D

E - Professora D, Boa tarde! Como vai ? Fico feliz em revê-la e saber que continua firme em seus propósitos para continuar na carreira do Magistério.

PD - Professora Vera, tomei gosto por dar aula, sabia? Meus aluninhos estão uma gracinha! Já estão todo lendo!

E - Que bom, Profª D. Tenho orgulho de ter contribuído com a sua formação. Sinto saudades!

PD - Nem me fale, professora! Você nem imagina o quanto eu aprendi!

E - Podemos iniciar a entrevista?

PD - Podemos sim!

E - Qual a sua idade, professora D?

PD - Eu tenho 28 anos.

E - Qual a sua formação escolar?

PD - Eu fiz o curso de Pedagogia. Estou querendo fazer uma pós. Acho que ano que vem!

E - Há quanto tempo você atua como professora nas séries iniciais?

PD - Tem apenas 4 anos. Mas esses quatro anos me ensinaram muito professora! Dar aulas é uma arte! Como eu me sinto bem! Até esqueço que o salário é pouco! (risos).

E - Você toca algum instrumento musical?

PD – Toco violão! Não muito bem, mas dá pra fazer um barulho! Meus alunos adoram quando eu levo o violão pra sala. Ultimamente meu violão está ficando na escola! Acaba que as outras professoras vivem pedindo pra eu cantar com os alunos delas! Eu agora estou ensinando eles cantar cantigas de roda com coreografia sabe? Meu Deus! É lindo! Tem a mãe do Diogo (nome fictício) que me ajuda! Ela tem uma voz muito bonita e gosta de música! Na festa junina quero apresentar o resultado dessa façanha. Estou me descobrindo na sala de aula professora! Tem até professoras que me falam que isso é só começo! Que

quando eu estiver no final da carreira esse fogo vai acabar! Eu não acredito professora! É tão gratificante! (a professora chora e me pede desculpas pelo choro)

E - Professora D, a escola que você trabalha dispõe de algum aparelho sonoro ou instrumentos musicais que possam ser utilizados como recurso didático pelo professor em sala de aula?

PD - Esse semestre está sem som na escola. O que tinha queimou e ainda não foi arrumado. É uma pena !

E - Você utiliza esse aparelho, professora? Com que frequência?

PD - Quando estava bom, eu usava pelo menos uma vez por semana. Porque nas aulas de arte eu gosto muito de trabalhar com música. Quando não é o violão, é o aparelho de som. Eu procuro trabalhar a proposta da música direitinho sabe, professora? As crianças desenvolvem muito! Ficam até mais calmas sabia?

E - Em sua formação profissional, ou seja, no curso de graduação, você teve aulas ou alguma disciplina sobre a música na educação e como utilizá-la?

PD - Não, infelizmente não tive. Eu faço sempre aqueles cursinhos que tem. Sempre estou aprendendo canções novas. Isso agrada os alunos e eles desenvolvem mesmo!

E - Na escola que você trabalha, a música é incluída nas atividades propostas no planejamento anual de ensino?

PD - Sim. Nós seguimos as propostas dos PCN. Mas não é todos os professores que fazem direitinho. Tem muitos deles que dizem que cantar na sala é enrolar o tempo. Isso é muita ignorância, eu acho!

E - Como você vê a utilização da música em sala de aula, nas séries iniciais?

PD - A música em si, desperta o interesse da criança e dá oportunidade pra ela criar. Além de tudo, ela ajuda a criança memorizar os conteúdos. É fantástico trabalhar com música!

E - Você acha que a música influencia a cultura de um povo?

PD - Influencia demais! Cada povo tem uma cultura diferente, e a música expressa muitos sentimentos, as vezes através de uma música a gente consegue se comunicar com os outros. Sem falar que música é cultura.

E - Professora D, você tem alguma consideração a fazer? Algo a dizer?

PD - Tenho professora Vera. Se eu pudesse sair por aí dizendo isso eu até que queria. É tão difícil pras crianças ficar sentadinhos olhando pra cara do professor ! aquelas aulas chatas, sem metodologia diferente! Quem dera se todos os professores, principalmente do

primário, tivessem esse gosto que eu tenho, pela música. Mas é assim. Quem sou eu pra querer concertar isso? Você sabe, né professora? Mais do que eu!

E - Obrigada, Professora D, você me emocionou muitas vezes durante essa entrevista. Obrigada por ter expressado tanta coisa boa! Boa tarde!

Entrevista realizada com a Professora E

E - Professora E, Boa Noite! Desculpe-me estar importunando este horário, mas foi o único que conseguimos viabilizar este encontro.

PE - Não tem problema, é um prazer. Só assim pra você vir na minha casa né?

E - Podemos iniciar a entrevista?

PE - Vamos lá! Será que eu vou saber lhe responder tudo?

E - Fique tranqüila ! Tudo o que eu quero saber, diz respeito à sua vivência em sala de aula.

PE - Ah? Isso eu sei! E como sei! (risos)

E - Qual a sua idade, professora E?

PE - Eu tenho 37 anos.

E - Qual a sua formação escolar?

PE - Eu fiz o curso de Pedagogia e estou tentando terminar uma pós graduação em Educação Infantil, que ta difícil, mas se Deus quiser eu vou conseguir!

E - Há quanto tempo você atua como professora nas séries iniciais?

PE - Já tem 12 anos.

E - Você toca algum instrumento musical?

PE - Não, mas morro de vontade!

E - Professora E, a escola que você trabalha dispõe de algum aparelho sonoro ou instrumentos musicais que possam ser utilizados como recurso didático pelo professor em sala de aula?

PE - Tem só um aparelho de som.

E - Você utiliza esse aparelho, professora? Com que frequência?

PE - Parece brincadeira, mas eu quase não uso. Eu canto muito com as crianças.

E - Em sua formação profissional, ou seja, no curso de graduação, você teve aulas ou alguma disciplina sobre a música na educação e como utilizá-la?

PE - Não, não tive.

E - Na escola que você trabalha, a música é incluída nas atividades propostas no planejamento anual de ensino?

PE - É. Todos os professores incluem a música, mas na disciplina de arte.

E - Como você vê a utilização da música em sala de aula, nas séries iniciais?

PE - A música é indispensável, todas as crianças gostam e facilmente adquirem os ensinamentos que vêm das canções. Eu gosto muito das músicas infantis, aquelas que podemos relacionar com histórias, filmes, fica bem melhor!

E - Você acha que a música influencia a cultura de um povo?

PE - Eu acho que influencia. A música é tudo!

E - Professora E, você tem alguma consideração a fazer? Algo a dizer?

PE - Eu quero lhe desejar muita sorte, e continue trabalhando pela nossa educação porque unidas conseguiremos vencer as dificuldades da sala de aula.

Entrevista realizada com a Professora F

E - Professora F, Boa tarde! Obrigada inicialmente, pela disponibilidade em conceder-me esta entrevista.

PF - Ô professora! Você sabe que pra mim é o maior prazer!

E - Podemos iniciar a entrevista?

PF - Podemos sim. Espero que eu dê conta de responder tudo o que você quer saber!

E - Fique calma! Sei que você saberá me dizer tudo, pois todos os meus questionamentos estão relacionados com o seu dia-a-dia na sala de aula.

PF - Então.... Vamos lá!

E - Qual a sua idade, professora F?

PF - Eu tenho 46 anos.

E - Qual a sua formação escolar?

PF - Eu tenho o magistério e estou no 3º ano de Pedagogia. Fiquei muito tempo sem estudar, professora! Agora resolvi fazer uma faculdade porque o salário de quem só tem magistério é muito pouco. E graças a Deus estou terminando, só falta mais o ano que vem.

E - Há quanto tempo você atua como professora nas séries iniciais?

PF - Já tem 13 anos. Trabalhei muito tempo na secretaria, depois assumi uma sala e estou até hoje.

E - Você toca algum instrumento musical?

PF - Nenhum! Mas tenho muita vontade! Eu acho muito bonito.

E - Professora F, a escola que você trabalha dispõe de algum aparelho sonoro ou instrumentos musicais que possam ser utilizados como recurso didático pelo professor em sala de aula?

PF - Sim. Tem um toca fita que não é muito bom, mas é muito usado pelos professores para ensaiar músicas e principalmente nas datas comemorativas e tudo mais. As vezes, a gente usa ele na acolhida do dia.

E - Você utiliza esse aparelho na sala de aula professora? Com que frequência?

PF - Eu uso umas duas vezes por semana. Quando as crianças estão fazendo tarefinha, eu ponho bem baixinho o som e eles adoram!

E - Em sua formação profissional, ou seja, no curso de graduação, você teve aulas ou alguma disciplina sobre a música na educação e como utilizá-la?

PF - Não tive e não tenho nenhuma disciplina sobre música, mas tive várias aulas sobre música que na qual me ajudou muito. Hoje eu vejo a música como um instrumento de ensino aprendizagem.. sei lá ela é muito importante.

E - Na escola que você trabalha, a música é incluída nas atividades propostas no planejamento anual de ensino?

PF - Sim, porque nós da escola damos muito valor na música e vemos que através dela nós conseguimos desenvolver as capacidades em nossos educandos. Todas as capacidades.

E - Como você vê a utilização da música em sala de aula, nas séries iniciais?

PF - Eu vejo como um instrumento de ensino muito importante. Um instrumento que a criança aprende de verdade.

E - Você acha que a música influencia a cultura de um povo?

PF - Sim, porque através da música é que a gente vê a expressão de cada cultura, nas manifestações folclóricas e tudo que a gente vê é o manifesto por meio da música. E para mim, a música é importante sim, porque dela, a gente expressa os sentimentos e tudo que queremos expressar.

E - Professora F, você tem alguma consideração a fazer? Algo a dizer?

PF - Eu agradeço por você ter se lembrado de mim. No que eu puder ajudar e defender a música eu defendo mesmo, porque é muito bom.

Entrevista realizada com a Professora G

E - Professora G, Bom dia. Eu quero inicialmente agradecer a sua disponibilidade em conceder-me esta entrevista. Não pretendo ocupar muito do seu tempo.

PG - Imagina se isso é ocupar meu tempo, eu até gosto muito disso. Adoro falar da minha experiência na sala de aula.

E - Que bom ouvir isso! Podemos iniciar a entrevista?

PG - Claro! Fique à vontade.

E - Qual a sua idade, professora G?

PG - Eu tenho 26 anos.

E - Qual a sua formação escolar?

PG - Eu fiz o magistério lá no Colégio Estadual de Aragarças e fiz o curso de Pedagogia lá na UNIVAR.

E - Há quanto tempo você atua como professora nas séries iniciais?

PG - Já tem quase 6 anos. Mas antes eu substituía muito nas escolas, agora é que eu estou firme no Estado.

E - Você toca algum instrumento musical?

PG - Quem me dera. Me sonho é aprender tocar violão, mas eu ainda vou aprender, você vai ver.

E - Professora G, a escola que você trabalha dispõe de algum aparelho sonoro ou instrumentos musicais que possam ser utilizados como recurso didático pelo professor em sala de aula?

PG - Sim, mas a única coisa que tem é um aparelho de CD e como são muitos professores, a gente vive querendo usar e nunca dá. Mas eu sempre levo o meu som pra escola, aí não tem problema.

E - Você utiliza esse aparelho, professora? Com que frequência?

PG - Eu uso uma vez por semana mais ou menos. Depende do meu Plano de aula.

E - Em sua formação profissional, ou seja, no curso de graduação, você teve aulas ou alguma disciplina sobre a música na educação e como utilizá-la?

PG - Não tive nenhuma disciplina sobre a música na educação, mas fiz um curso de musicalização oferecido pelo NAPE que o núcleo de apoio pedagógico da faculdade. Foi em 2002 e eu achei que foi muito proveitoso pra minhas aulas. Eu apliquei um monte de coisas que eu aprendi lá.

E - Na escola que você trabalha, a música é incluída nas atividades propostas no planejamento anual de ensino?

PG - Sim, desde a Educação Infantil até a 4ª série, o que nós chamamos de 1º ciclo, porque agora mudou, é por ciclo.

E - Como você vê a utilização da música em sala de aula, nas séries iniciais?

PG - Na minha concepção, a música utilizada na sala de aula das séries iniciais é de suma importância, porque por meio da música você ensina muita coisa importante pro aluno, de uma maneira mais divertida e descontraída.

E - Você acha que a música influencia a cultura de um povo?

PG - No meu pensar, sim. É só ligarmos o rádio, a televisão, ir a alguma festa e observar. As pessoas dançam aquilo que está na mídia. As vezes ganhamos com essas músicas, as vezes perdemos, mas a cultura das pessoas se aperfeiçoa com o que faz parte do seu cotidiano. A cultura está baseada no que ouvimos, pesquisamos, no que vemos, enfim, em tudo que faz parte da nossa vida.

E - Professora G, você tem alguma consideração a fazer? Algo a dizer?

PG - Eu espero que eu tenha ajudado você em seu trabalho, e te desejo muito sucesso. Obrigada.

Entrevista realizada com a Professora H

E - Professora H, Boa tarde ! Eu quero agradecer você, pela disponibilidade em estar me recebendo, e por ter aceito participar desta pesquisa.

PH - Claro, pra mim é um prazer, mas como eu te falei, não quero ser identificada hein? E nem precisa dizer qual escola.

E - Fique tranquila, pois a sua identidade será preservada. Podemos iniciar a entrevista?

PH - Podemos sim.

E - Qual a sua idade, professora H?

PH - Eu tenho 32 anos.

E - Qual a sua formação escolar?

PH - Eu tenho magistério e o curso de Pedagogia. Fiz lá na UNIVAR. Agora estou aguardando uma bolsa pra fazer a minha pós!

E - Há quanto tempo você atua como professora nas séries iniciais?

PH - Já tem 7 anos. E sempre trabalhei aqui nesta escola.

E - Você toca algum instrumento musical?

PH - Não, nenhum. Mas tenho vontade.

E - Professora H, a escola que você trabalha dispõe de algum aparelho sonoro ou instrumentos musicais que possam ser utilizados como recurso didático pelo professor em sala de aula?

PH - Não tem nenhum recurso. É uma dificuldade danada, pois quando nós precisamos ensaiar alguma coisa temos que levar de casa.

E - Em sua formação profissional, ou seja, no curso de graduação, você teve aulas ou alguma disciplina sobre a música na educação e como utilizá-la?

PH - Não. Não tive nenhuma noção pelo menos. É uma pena né? Depois a gente chega na escola e tem que trabalhar a música, porque os PCN exige.

E - Na escola que você trabalha, a música é incluída nas atividades propostas no planejamento anual de ensino?

PH - Quando eu comecei a trabalhar não era. Mas de uns anos pra cá, todos os professores tem que incluir a música no seu planejamento.

E - Como você vê a utilização da música em sala de aula, nas séries iniciais?

PH - A música teria que ser obrigatória em todas as séries, principalmente nas séries iniciais, porque as crianças gostam muito de música. Se até a gente que é adulto gosta, imagine a criança!

E - Você acha que a música influencia a cultura de um povo?

PH - A música é um dos principais meios que temos para alcançar os costumes de um povo. É uma linguagem que todo mundo entende. Eu acho muito importante, pena que nem todo professor gosta de trabalhar com a música, acha que é só matação de aula, mas eu acho super importante.

E - Professora H, você tem alguma consideração a fazer? Algo a dizer?

PH - Eu quero agradecer você pela oportunidade, e por ter se lembrado de mim. Pode contar comigo quando precisar. A nossa escola está sempre aberta.

Entrevista realizada com a Professora I

E - Professora I, Boa tarde ! Inicialmente eu quero agradecer a sua disponibilidade por ter me concedido esta entrevista. Quero dizer também, que as sua informações serão úteis ao

meu trabalho, uma vez que somente terei condições de concluí-lo a partir da veracidade dos fatos e das informações.

PI - Sem dúvida Profª Vera. Fico feliz por ter me escolhido pra fazer esta entrevista e observar as minhas aulas! É bom que você pode me dar umas dicas de como trabalhar com a música, porque eu tenho um pouco de dificuldade, sabe?

E - Podemos então iniciar a nossa conversa?

PI - Vamos lá! Espero que eu saia bem!

E - Qual a sua idade, professora I?

PI - Eu tenho 33 anos.

E - Qual a sua formação escolar?

PI - Eu fiz o curso de Letras na UFMT, mas sinceramente não me identifiquei com o curso. Até que resolvi fazer Pedagogia na UNIVAR. É essa a minha praia, sabia? Adoro trabalhar com criança, quanto mais pequenininho melhor!

E - Há quanto tempo você atua como professora nas séries iniciais?

PI - Já tem 10 anos. Só aqui nesta escola tem 4 anos. Depois que eu comecei trabalhar com a 1ª série nunca mais parei.

E - Há quanto tempo você trabalha com a 1ª série?

PI - Então! faz quatro anos.

E - Você toca algum instrumento musical, Profª I?

PI - Não, não toco nenhum instrumento. Uma vez comecei a aprender tocar cavaquinho, mas Deus me livre, que coisa difícil!

E - Professora I, a escola que você trabalha dispõe de algum aparelho sonoro ou instrumentos musicais que possam ser utilizados como recurso didático pelo professor em sala de aula?

PI - Tem, tem um aparelho de CD que não está muito bom. Toca muito baixinho. Quando a gente usa ele pra muita gente, quase não dá pra ouvir. A Diretora disse que a próxima verba que chegar pra escola ela vai comprar um melhor do que este.

E - Com que frequência você utiliza esse aparelho?

PI - pouco, por causa desse defeito do aparelho. Não compensa muito.

E - Em sua formação profissional, ou seja, no curso de graduação, você teve aulas ou alguma disciplina sobre a música na educação e como utilizá-la?

PI - Não

E - Na escola que você trabalha, a música é incluída nas atividades propostas no planejamento anual de ensino?

PI - Sim.

E - Como você vê a utilização da música em sala de aula, nas séries iniciais?

PI - Acho que a música é muito importante nas séries iniciais, pois ela influencia no comportamento e formação do caráter da criança.

E - Você acha que a música influencia a cultura de um povo?

PI - Sim, porque através da música podemos enriquecer os nossos costumes e o nosso folclore.

E - Professora I, você tem alguma consideração a fazer? Algo a dizer?

PI - Eu é que quero agradecer por ter se lembrado de mim. Te desejo sucesso no seu trabalho e espero que esses professores põe quente com a música na sala de aula.

Entrevista realizada com a Professora J

E - Professora J, Bom Dia! Inicialmente, quero agradecer-lhe pela disponibilidade em conceder-me esta entrevista. A conclusão deste meu trabalho, dependerá muito da participação de vocês, professores do 1º ciclo.

PJ - É com muito prazer, professora, você sabe, eu gosto de participar dessas pesquisas, porque só assim, a gente fica sabendo como anda a prática dos professores.

E - Podemos então iniciar a nossa entrevista?

PJ - Sim, podemos. O que eu puder informar, pode ter certeza que vou informar.

E - Qual a sua idade, professora J?

PJ - Eu tenho 40 anos

E - E a sua formação escolar?

PJ - Eu sou Pedagoga. Formei lá na UNIVAR. Você até foi minha professora no 2º ano, lembra? Agora estou fazendo aquela especialização na UNICEM sobre a Educação Infantil. Estou gostando muito. Mas sabe? Tem muitas coisas que a gente aprendeu lá na UNIVAR que a gente está aprendendo de novo. Os professores são ótimos. Esse curso está me ajudando muito! Você nem imagina.

E - Há quanto tempo você atua como professora nas séries iniciais?

PJ - Já faz 12 anos. E sempre trabalhei com alfabetização. Eu gosto muito, de ver no segundo semestre aquelas crianças lendo de tudo.

E - Você toca algum instrumento musical, Prof^a I?

PJ - Não. Seria tão bom se eu tocasse algum instrumento. Eu gosto muito de cantar com as crianças. E eles adoram. Pena que eu sou muito desafinada, minha voz não ajuda, mas eu faço o que posso. Eu tenho muita vontade de fazer uns cursos sobre a música, porque eu acho que ia ajudar muito a gente na sala de aula. Porque que você não dá uns cursos pros professores? Igual aquele que teve ? pena que foi só pra Educação Infantil!

E - Professora J, a escola que você trabalha dispõe de algum aparelho sonoro ou instrumentos musicais que possam ser utilizados como recurso didático pelo professor em sala de aula?

PJ - Não tem nenhum! Até que tinha, mas ele quebrou e ainda não foi arrumado. De vez em quando a professora da 4^a série traz o dela e a gente usa. Mas é muito raro isso acontecer.

E - Em sua formação profissional, ou seja, no curso de graduação, você teve aulas ou alguma disciplina sobre a música na educação e como utilizá-la?

PJ - Tive nada! Você sabe, teve aula de estágio que a gente cantava com as crianças na escola, mas disciplina mesmo, não teve nenhuma.

E - Na escola que você trabalha, a música é incluída nas atividades propostas no planejamento anual de ensino?

PJ - É incluída sim, principalmente de 1^a a 4^a série, porque é dos PCN que a gente tira as proposta pra Educação Artística.

E - Como você vê a utilização da música em sala de aula, nas séries iniciais?

PJ - Ah, eu acho muito importante a música. Ela alegra as aulas, as crianças ficam mais calmas, sem contar que elas aprendem muito mais. Só que eu não sei muito trabalhar com a música.

E - Você acha que a música influencia a cultura de um povo?

PJ - Na cultura? Ah! Influencia muito. Música de folclore por exemplo, é tão importante porque resgata as nossas crenças, os nossos costumes.

E - Professora , você tem alguma consideração a fazer? Algo a dizer?

PJ - Eu queria era poder contribuir mais com a educação. Sabe? Fazer cursos , aprender mais, pra poder ensinar melhor pras crianças. Mas eu ainda chego lá, é preciso só acreditar, e boa vontade eu tenho demais.

E - Obrigada, Professora J. Boa tarde.

Entrevista realizada com a Professora L

E - Professora L, Boa Tarde! É um prazer voltar aqui nesta escola pra conversar com vocês. Tenho muita saudades daqui. Quero agradecer o carinho com que me recebeu, e a disponibilidade em conceder-me esta entrevista, que com certeza muito contribuirá com o sucesso de meu trabalho.

PL - Ô, Professora Vera! O prazer é todo nosso. Você sabe o quanto você deixou saudades. Seja bem vinda em nossa escolas, as portas continuam abertas pra você, viu?

E - Eu agradeço o carinho de vocês. Podemos então iniciar a nossa entrevista?

PL - Claro! Fique a vontade.

E - Qual a sua idade, professora L?

PL - Eu tenho 42 anos.

E - E a sua formação escolar?

PL - Eu sou Pedagoga, desde 89. Fiz esse Curso em Marília e mudamos pra cá.

E - Há quanto tempo você atua como professora nas séries iniciais?

PL - Já tem 16 anos. Sempre trabalhei ou com a 1ª série ou com a 2ª. Gosto muito de crianças menores.

E - Você toca algum instrumento musical, Profª L?

PL - Tenho muita vontade de aprender. Acho lindo quem toca, mas infelizmente eu não sei.

E - Professora ,a escola que você trabalha dispõe de algum aparelho sonoro ou instrumentos musicais que possam ser utilizados como recurso didático pelo professor em sala de aula?

PL - Tem sim. Aliás é ótimo. Eu sempre uso ele dentro da sala, pra ensaiar alguma peça de teatro, alguma música pra festa na escola. Ele ajuda muito a gente aqui.

E - Com que frequência você utiliza esse aparelho?

PL - Pelo menos uma vez por semana eu uso.

E - Em sua formação profissional, ou seja, no curso de graduação, você teve aulas ou alguma disciplina sobre a música na educação e como utilizá-la?

PL - Não tive! Fiquei sabendo que agora no curso de Pedagogia tem uma disciplina chamada “Metodologia de Arte”. Quem sabe se agora eles ensinam um pouco como trabalhar com a música né? Só depois que a gente termina a faculdade é que vem coisa nova. Mas é assim mesmo!

E - Na escola que você trabalha, a música é incluída nas atividades propostas no planejamento anual de ensino?

PL - É sim. Aqui a gente segue a proposta dos PCN também. E a música está incluída.

E - Como você vê a utilização da música em sala de aula, nas séries iniciais?

PL - A música é tudo na sala de aula! Ela ajuda as crianças na aprendizagem dos conteúdos, principalmente as crianças menores, com a música eles aprendem mais. Eu faço aquilo que eu posso. Tento usar o máximo a música.

E - Você acha que a música influencia a cultura de um povo?

PL - Demais! Música é cultura !

E - Professora , você tem alguma consideração a fazer? Algo a dizer?

PL - Eu agradeço a sua vinda aqui, e desejo sucesso em sua carreira. Sempre que precisar, estaremos de portas abertas pra você. Vai com Deus ! Sucesso mesmo!

E - Obrigada, Professora pela atenção e Boa tarde.

Entrevista realizada com a Professora M

E - Professora , Boa Tarde! Obrigada por me receber aqui na escola. Prometo não ocupar muito o seu tempo.

PM - Claro! Já estava mesmo te esperando. Fique a vontade.

E - Podemos então iniciar a nossa entrevista?

PM - Claro! Pode começar, estou a sua disposição.

E - Qual a sua idade, professora ?

PM - Eu tenho 49 anos.

E - E a sua formação escolar?

PM - Na verdade eu tenho o magistério e Pedagogia. Tive que fazer Pedagogia pra elevar meu nível. Graças a Deus, estou recebendo pelo curso superior. Mas já estou quase aposentando, falta só cinco anos.

E - Há quanto tempo você atua como professora nas séries iniciais?

PM - Desde que comecei a minha carreira na educação, há vinte anos. Estou este ano com a 2ª série. Uma turminha terrível !

E - Você toca algum instrumento musical, Profª ?

PM - Quem me dera! Não toco nada Professora!

E - Professora ,a escola que você trabalha dispõe de algum aparelho sonoro ou instrumentos musicais que possam ser utilizados como recurso didático pelo professor em sala de aula?

PM - Tem um aparelho de som de CD.

E - Com que frequência você utiliza esse aparelho na sala de aula?

PM - Depende muito. Tem semana que eu uso até duas vezes, outra, uma vez apenas. Depende do meu plano de aula.

E - Em sua formação profissional, ou seja, no curso de graduação, você teve aulas ou alguma disciplina sobre a música na educação e como utilizá-la?

PM - Não tive nenhuma disciplina. Aliás, acho que faltou isso, porque os PCN orienta os professores para usar a música na sala de aula, mas a gente tem muita dificuldade. Primeiro acho que tinha que saber cantar músicas interessantes pros alunos.

E - Na escola que você trabalha, a música é incluída nas atividades propostas no planejamento anual de ensino?

PM - É, inclusive a gente esse ano fez o planejamento junto, pra uma ajudar a outra.

E - Como você vê a utilização da música em sala de aula, nas séries iniciais?

PM - A música alegra muito! Os alunos gostam. A gente que é adulto gosta de música, imagine os alunos!

E - Você acha que a música influencia a cultura de um povo?

PM - Influencia muito. Todo povo deve ter uma cultura, todo povo deve ter o seu estilo de música!

E - Professora , você tem alguma consideração a fazer? Algo a dizer?

PM - Eu queria deixar aqui uma mensagem pra todos os professores: A educação precisa de todos nós. É preciso diversificar as aulas, e ter muito carinho com os nossos alunos pois eles são muito carentes.

E - Muito obrigada, Professora! Tenha um bom dia!

Entrevista realizada com a Professora N

E - Professora, Bom dia! Eu agradeço a sua disponibilidade em atender-me. Não quero ocupar muito o seu tempo.

PN - Imagine, Professora Vera. Não vai ocupar tempo nenhum. Estou à sua disposição. Se eu puder ajudá-la, pode iniciar a nossa conversa. Mas fica como nós já havíamos conversado: eu não quero que meu nome apareça. Pode ser, né?

E - Fique tranqüila, que a sua identidade será completamente preservada. O que na verdade eu necessito, são as informações.

PN - O que depender de mim, pode ficar sossegada.

E - Podemos iniciar a nossa entrevista?

PN - Podemos sim.

E - Qual a sua idade, professora ?

PN - Eu tenho 40 anos.

E - E a sua formação escolar?

PN - Eu tenho Pedagogia. Terminei o ano passado.

E - Há quanto tempo você atua como professora nas séries iniciais?

PN - Já faz 6 anos, estou praticamente iniciando minha carreira no magistério, mas eu ainda quero fazer uma pós.

E - Você toca algum instrumento musical, Prof^a ?

PN - Nunca consegui aprender, isso é mesmo pra quem tem o dom, acabei de crer. O tanto que eu já “pelejei” e nada.

E - Professora ,a escola que você trabalha dispõe de algum aparelho sonoro ou instrumentos musicais que possam ser utilizados como recurso didático pelo professor em sala de aula?

PN - Tem um aparelho de som, que é muito disputado entre os professores. A professora de Educação Física usa muito ele e a gente acaba ficando sem. Mas eu canto muito com os meninos. Eu uso ele umas duas ou três vezes por mês, mais ou menos.

E - Em sua formação profissional, ou seja, no curso de graduação, você teve aulas ou alguma disciplina sobre a música na educação e como utilizá-la?

PN - Não, nunca tive.

E - Na escola que você trabalha, a música é incluída nas atividades propostas no planejamento anual de ensino?

PN - É sim. A gente inclui a música todos os anos, mas acaba que não trabalhamos direito porque tem que ter dom mesmo! Eu tenho muita dificuldade. Pra começar, sou desafinada demais.

E - Como você vê a utilização da música em sala de aula, nas séries iniciais?

PN - Acho que é de fundamental importância porque as crianças se interessam muito pelas músicas.

E - Você acha que a música influencia a cultura de um povo?

PN - As cantigas de roda são passadas de geração pra geração, e isso influencia muito.

E - Professora, você tem alguma consideração a fazer? Algo a dizer?

PN - Tenho sim, eu quero dizer a você, que acredito muito nas pessoas que investem nos estudos como você. Eu sei o quanto a gente aprende, e principalmente falando sobre a música que todo mundo gosta. Eu quero sempre acreditar que tem pessoas interessadas em fazer uma educação sempre melhor.

E - Muito obrigada, Professora!

Entrevista realizada com a Professora O

E - Professora, Bom dia! Quero inicialmente agradecer a sua disponibilidade e atenção.

PO - Eu é que agradeço. Seja bem vinda em nossa escola, aliás, aqui tem muitas ex alunas suas, sabia? Estamos firmes.

E - É sempre bom ouvir isso, e saber que fiz parte dessa formação. Isso é gratificante. Podemos iniciar a nossa entrevista?

PO - Podemos, claro!

E - Qual a sua idade, professora ?

PO - Eu tenho 42 anos.

E - E a sua formação escolar?

PO - Eu sou Pedagoga e estou fazendo pós em Educação Infantil na UNICEM.

E - Há quanto tempo você atua como professora nas séries iniciais?

PO - Já estou na educação, faz 10 anos, mas como concursada tem só 5 anos.

E - Você toca algum instrumento musical, Prof^a ?

PO - Nunca nem tentei, acho que não conseguiria. Acho muito difícil, mas gosto de ver quem sabe.

E - Professora ,a escola que você trabalha dispõe de algum aparelho sonoro ou instrumentos musicais que possam ser utilizados como recurso didático pelo professor em sala de aula?

PO- Tem um aparelho de som, com CD e fita K7.

E - Com que frequência você utiliza esse aparelho?

PO - Mais ou menos uma vez por semana.

E - Em sua formação profissional, ou seja, no curso de graduação, você teve aulas ou alguma disciplina sobre a música na educação e como utilizá-la?

PO - Não tive. Aliás isso faz muita falta, sabia? Se a gente quiser, tem que fazer cursos por aí, porque específico pra música não tem.

E - Na escola que você trabalha, a música é incluída nas atividades propostas no planejamento anual de ensino?

PO - Sim, ela é incluída, principalmente nas 4 primeiras séries.

E - Como você vê a utilização da música em sala de aula, nas séries iniciais?

PO - Eu acho muito importante, pois a música trabalha todos os sentidos da criança.

E - Você acha que a música influencia a cultura de um povo?

PO - Sim, porque ela é passada de geração pra geração, como cantigas de roda, e muitas outras cantigas.

E - Professora , você tem alguma consideração a fazer? Algo a dizer?

PO - Quero que você divulgue esse seu trabalho para todos os professores. Pelo menos aqui em Barra do Garças, talvez assim, o município, o Estado possa fazer alguma coisa que possa nos ajudar com a música na sala de aula, como naquele encontro que fizemos, foi ótimo. Devia ter pelo menos uma vez por bimestre.

E - Professora, muito obrigado pelas suas informações. Tenha um bom dia!